

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL EM CRECHES MUNICIPAIS DE PRESIDENTE KENNEDY-ES**

SÃO MATEUS-ES

2022

ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL
EM CRECHES MUNICIPAIS DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Vivian Miranda Lago

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

O48i

Oliveira, Andrea Paiva da Silva.

A importância de saber contar histórias: um estudo sobre a prática pedagógica dos docentes da educação infantil em creches municipais de Presidente Kennedy - ES / Andrea Paiva da Silva Oliveira – São Mateus - ES, 2022.

115 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Vivian Miranda Lago.

1. Literatura infantil. 2. Contação de histórias. 3. Imaginação. 4. Prática de ensino. 5. Creches - Professores. I. Lago, Vivian Miranda. II. Título.

CDD: 372.216

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM CRECHES MUNICIPAIS DE
PRESIDENTE KENNEDY-ES**

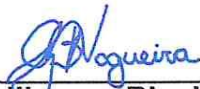
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação no Centro Universitário Vale Do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 08 de setembro de 2022.

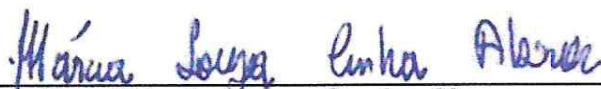
COMISSÃO EXAMINADORA

VIVIAN MIRANDA Assinado de forma digital por
VIVIAN MIRANDA
LAGO:08777686764
Dados: 2022.09.20 10:49:53 -03'00'

Dra. Vivian Miranda Lago
Presidente



Dr. Guilherme Bicalho Nogueira
Membro Interno



Dra. Márcia Souza Cunha Abreu
Membro Externo

Dedico essa dissertação de mestrado primeiramente a Deus, ao meu esposo, aos meus filhos, aos meus amigos e minha família de modo geral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me guiar, ajudando-me a prosseguir na caminhada e confiar às tarefas na certeza de que seria capaz de realizá-las, me proporcionando viver esse momento tão especial.

Agradeço à toda minha família, que ajudaram na realização deste trabalho. Sou imensamente grata pela paciência e incentivo. Também gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram e me incentivaram a buscar o meu objetivo.

Aos amados Professores Doutores do Centro Universitário Vale do Cricaré, pelo incentivo, e por compartilhar seus conhecimentos, vivências experiências, e por fazer acreditar que somos capazes de transformar sonhos em realidade.

Em especial agradecer a orientadora Prof.^a Dra. Vivian Miranda Lago, pela brilhante orientação, cuja dedicação e conhecimento foram fundamentais para a conclusão deste projeto; aos membros da banca, muito obrigada pelos seus comentários e avaliações.

À Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy-ES, na pessoa da Secretária Municipal de Educação, Professora Fátima Agrizzi Ceccon, pelo incentivo.

Ao PRODES/PK (Programa de Desenvolvimento do Ensino Superior e Técnico no Município de Presidente Kennedy) por me conceder a bolsa de estudos para que eu pudesse estar realizando o tão sonhado mestrado.

RESUMO

OLIVEIRA, ANDREA PAIVA DA SILVA. **A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CRECHES MUNICIPAIS DE PRESIDENTE KENNEDY-ES**. 2022.115 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Vale doCricaré, 2022.

A contação de histórias instiga a imaginação, a criatividade e a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui para a formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Por meio da contação de histórias, o professor encontra uma importante ferramenta para auxiliar os alunos dentro da sala de aula. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a prática pedagógica da contação de histórias de literatura infantil utilizada pelos professores em quatro Creches Municipais de Presidente Kennedy-ES. A metodologia utilizada foi baseada num estudo de caso exploratório descritivo com abordagem qualitativa. O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado, contendo 18 perguntas, sendo 10 perguntas abertas e 08 fechadas. Tais perguntas permitiram conhecer as estratégias utilizadas pelas docentes, qual a formação das professoras, identificar de que forma as educadoras realizam o trabalho literário no cotidiano da escola, como também, como acontece a exploração da literatura e a contação da história pelas crianças, onde delimitamos a investigação, os instrumentos e procedimentos da pesquisa: questionário com oito professoras do maternal II, com questões abertas e semiabertas e roda de conversa com os mesmos. O produto educacional configura-se em um produto educativo em formato de um *E-book* de sequências didáticas utilizando o livro de literatura infantil como guia didático para professores de Educação Infantil. As atividades sugeridas pelas professoras para o guia didático tiveram como os objetivos da Base Nacional Comum Curricular-BNCC de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil nos campos de experiências: escuta, fala, pensamento e imaginação. Pode-se apontar que a leitura/contação de histórias devem ser inseridas no contexto escolar de forma educativa, proporcionando as crianças momentos de reflexão, interação e aprendizagem, e, nesse contexto, a contação de histórias pode contribuir para o processo cognitivo da criança desde a Educação Infantil, no sentido de desenvolver a criticidade, o raciocínio, a criatividade e a imaginação.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de Histórias. Imaginação.

ABSTRACT

OLIVEIRA, ANDREA PAIVA DA SILVA. **THE IMPORTANCE OF KNOWING HOW TO TELL STORIES: A STUDY ON THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS IN PRESIDENT KENNEDY-ES' MUNICIPAL DAYCRECHES.** 2022.115 f. Dissertation (Master's) – Vale do Cricaré University Center, 2022.

Storytelling instigates imagination, creativity and orality, encourages a taste for reading, contributes to the formation of the child's personality, involving social and affective aspects. Through storytelling, the teacher finds an important tool to help students in the classroom. This research aimed to analyze the pedagogical practice of children's literature storytelling used by teachers in four Municipal Day Care Centers in Presidente Kennedy/ES. The methodology used was based on a descriptive exploratory case study with a qualitative approach. The instrument used was a semi-structured questionnaire, containing semi-structured questions, such questions allowed to know strategies used for storytelling in the mentioned day care centers; what is the training of teachers with regard to children's literature; to identify how the educators carry out the literary work in the daily life of the school, as well as, how the exploration of literature and the telling of the story by the children happens, where we delimit the investigation, the instruments and procedures of the research: Questionnaire with eight teachers of the kindergarten II, with open and semi-open questions and conversation circles with them. The educational product is an educational product in the form of an E-book of didactic sequences using a children's literature book as a didactic guide for Early Childhood teachers. The activities suggested by the teachers for the didactic guide had as the objectives of the BNCC of learning and development for Early Childhood Education in the fields of experiences: Listening, speaking, thinking and imagination. It can be pointed out that reading/storytelling should be inserted in the school context in an educational way, providing children with moments of reflection, interaction, and learning, and, in this context, storytelling can contribute to the child's cognitive process since Early Childhood Education, in the sense of developing criticality, reasoning, creativity and imagination.

Keywords: Children's Literature. Storytelling. Imagination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte do Mapa do Estado do Espírito Santo, em vermelho está a Localização de Presidente Kennedy/ES	44
Figura 2 - Tempo atuação na docência em geral	51
Figura 3 - Tempo que leciona na Instituição de Ensino Infantil	54
Figura 4 - Formação acadêmica das docentes entrevistadas	54
Figura 5 - Percepção das professoras sobre o interesse dos alunos durante a contação de história	56
Figura 6 - Dificuldades relatadas pelas docentes em trabalhar a leitura com as crianças em sala de aula.....	57
Figura 7 - Trabalhar o desenvolvimento da leitura contação de história nas atividades ministradas aos alunos.....	60
Figura 8 - Ambiente e/ou momento propício para que os alunos desenvolvam o hábito pela leitura	67
Figura 9 - Curso de capacitação para a contação de história	68
Figura 10 - Estratégias de Leitura utilizada em sala de aula.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das professoras participantes da pesquisa de acordo com a unidade de ensino as quais serão identificadas por CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil).....	46
Quadro 2 - Motivação das docentes para contação de histórias para as crianças....	58
Quadro 3 - Recursos pedagógicos utilizados para contar histórias.....	61
Quadro 4 - A transcrição da opinião das docentes sobre os benefícios de contar histórias para seus alunos.....	64
Quadro 5 - Vivência com as crianças no momento da leitura	65
Quadro 6 - Leitura e contação de história em sala de aula	66
Quadro 7 - Efeitos da pandemia de COVID-19 na Educação	68
Quadro 8 - Avaliação dos autores/livros infantis preferidos pelas docentes	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	13
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos:	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	16
2.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL	24
2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	27
2.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	34
2.5 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) - ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
3 METODOLOGIA	43
3.1 TIPO DE PESQUISA	43
3.2 LOCUS DA PESQUISA	43
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	45
3.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	46
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	47
3.6 HABILIDADES BNCC EDUCAÇÃO INFANTIL: CRECHES-CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS: ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	49
3.7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	50
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	51
4.1 AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AS DOCENTES	51
4.1.1 Avaliação do perfil profissional das professoras	51
4.1.2 Análise da percepção dos professores sobre a prática da contação de história em sala de aula	55
4.2 AVALIAÇÃO DA RODA DE CONVERSA	72
4.3 ELABORAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL- GUIA PARA PROFESSORES: ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	80

CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	89
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS	89
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UTILIZADO COM PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA	90
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL– TURMA MATERNAL II	91
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA	93
APÊNDICE E- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	94
APÊNDICE F-PRODUTO FINAL.....	98

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma ferramenta de aprendizagem, é um meio eficaz para o desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Favorece a remoção de barreiras educacionais, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, aumentando a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. Ler histórias para crianças é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser. Sem precisar saber o nome da disciplina e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2004, p. 17).

A leitura através da contação de histórias é considerada uma prática essencial no processo de ensino aprendizagem porque propicia o desenvolvimento de habilidades cognitivas e ao mesmo tempo, desperta o interesse dos alunos em tais exercícios, como entretenimento e amplia as possibilidades de conhecimento.

O uso de estratégias lúdicas no processo de aprendizagem torna esse processo mais leve e prazeroso para quem aprende. Segundo Abramovich (2004) a melhor maneira para que uma criança aprenda a ler e escrever é usufruindo do brincar e da ludicidade dos jogos, pois estes fazem parte do cotidiano do educando. Dentre estes, estão as histórias que são usadas como jogos simbólicos. Estes devem ser explorados na escola como recursos pedagógicos para apropriação da alfabetização, pois desenvolvem as habilidades através das regras e resolução de problemas quando atuam na zona de desenvolvimento proximal.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) a contação de histórias é imprescindível na formação integral das crianças. A BNCC descreve que o ato de contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos é um dos objetivos de aprendizagem no campo das experiências a este consiste em escuta, fala, pensamento e imaginação, sendo muito importante no desenvolvimento das crianças de 3 anos e 11 meses, do Maternal II.

Portanto, podemos enfatizar que a contação de histórias é imprescindível na formação integral das crianças. A BNCC (2018, p.43) aponta que criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos é um dos objetivos

de aprendizagem no campo das experiências (Escuta, fala, pensamento e imaginação) muito importante no desenvolvimento das crianças pequenas, como as do Maternal II.

É evidente que a participação e o entusiasmo do professor nesta etapa do aprendizado infantil é de suma importância. Caberá ao professor o esforço de proporcionar momentos de contação de histórias com desenvoltura, atraindo o pequeno ouvinte que acompanhará a história lida ou contada pelo professor com olhares atentos, tentando entender todo o enredo, as entonações e as pausas. Este professor emprestará sua voz ao texto, fazendo com que os pequenos utilizem a imaginação para entrar na história. Quanto mais cedo for oportunizado esse contato da criança com o livro e conseqüentemente com os textos literários, maiores serão as chances dessa criança adquirir gosto pela leitura e conseqüentemente ter sucesso no processo de alfabetização.

Dessa forma, portanto, é na fase da educação infantil que o professor deve exercer um papel indispensável na formação das crianças, usando criatividade e estimulando o hábito da leitura a partir de histórias infantis no dia a dia escolar e também no cotidiano familiar da criança.

Notadamente, ouvir histórias é entrar em um mundo encantador, interessante e curioso que diverte e ensina. É nessa relação lúdica e prazerosa das crianças com a obra literária que se tem a grande possibilidade de formar o leitor. Para tanto se deve levar em consideração que grande parte das crianças tem o primeiro contato com a literatura quando chega à escola.

O ambiente de sala de aula apresenta várias oportunidades para que as crianças comecem a ter o gosto pela leitura. A Literatura, na Educação Infantil, é capaz de promover o conhecimento de si e do mundo, incentivando a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, objetivos elencados como eixos do currículo nas práticas pedagógicas da Educação Infantil.

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada docente deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social. Para isto, é necessário que o professor apresente uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

A necessidade que se coloca para a escola, no ensino da leitura e formação de leitores é a de possibilitar ao indivíduo sua constituição como leitor, pois ela lhe permite entender criticamente a sociedade e nela interferir. Essa leitura deve ir além da simples decifração de símbolos.

O ensino da leitura na escola ocorre na própria conceitualização do que é a leitura, na forma com que é avaliada pelos professores, no papel que ocupa na Proposta Pedagógica da Escola e, naturalmente, nas práticas pedagógicas que são adotadas para ensiná-la.

Assim, na fase da educação infantil, os professores precisam desempenhar um papel imprescindível na educação das crianças, usar e inspirar as crianças a formar hábitos de leitura, como ler histórias para as crianças no cotidiano da escola. Desenvolver métodos para estimular o prazer da leitura de uma forma que seja útil no processo de aprendizado. O narrador expressa a própria essência da narrativa, quando através desta o mesmo comunica, interpreta, produz cultura e transfere toda a sua emoção para cada enredo lido.

Atualmente, o professor pode contar com uma diversidade de livros que podem auxiliar na construção da imaginação, percepção e de um pensamento crítico reflexivo na criança, contribuindo em sua formação pessoal, escolar e social.

Quando se pensa na criança e na sua relação com os livros, percebe-se o quão importante é fomentar o gosto pela leitura desde muito cedo. O professor a partir do dialogismo, antes e depois das histórias, a partir das vivências de mundo trazidas por estas nas rodas de conversas, tem o poder de transformar estes saberes populares em novos conhecimentos.

1.1 JUSTIFICATIVA

O hábito de contar histórias se originou a muito tempo atrás, e talvez tenha se originado numa roda de conversa nas cavernas primitivas. Esta surge primeiro que a escrita e com funções diversas, entre elas a transmissão de conhecimentos de um povo, reunir e entreter os membros da comunidade. A contação de histórias sempre esteve presente no dia a dia da civilização humana.

Já na atualidade para a maioria das crianças o primeiro contato com a literatura ocorre no ensino infantil, quando esta chega à escola. É justamente nesse momento que o professor tem um papel fundamental na construção e formação

destes sujeitos, porque a depender da estratégia utilizada por este, pode semear a paixão pela literatura, ou mesmo a aversão por esta prática.

Considerando que a primeira experiência do educando com a literatura infantil pode influenciar na formação de alunos leitores e no prazer da leitura, este trabalho tem como foco a prática pedagógica e a importância de utilizar a leitura/contação de história na educação infantil. A contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de ideias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando a resolver conflitos e criando expectativas, tonando-se super-heróis.

No ensino infantil a utilização das histórias da literatura infantil pelos docentes tem um papel fundamental no processo de formação e na construção de adultos leitores. A literatura abre uma diversidade de possibilidades de trabalhar variadas temáticas com as crianças de forma lúdica.

A utilização da literatura pelos professores como recurso didático promove estratégias de grande valor e aplicação nas estratégias de ensino aprendizagem, além de contribuir na formação de leitores críticos-reflexivos.

Porém para que a literatura na Educação Infantil tenha sucesso na sua aplicação é necessário a mediação do professor que precisa planejar suas atividades com objetivos pré-estabelecidos a serem alcançados. Ao utilizar a literatura o professor introduz o conteúdo e favorece o ensino e a aprendizagem através da oralidade para o aluno da educação infantil e esta estratégia contribui para conhecimento verbal, socialização e desenvolvimento cognitivo da criança.

De acordo com os inúmeros benefícios que esta prática pode trazer na construção e formação da criança, este trabalho buscou conhecer a realidade desta prática em creches do município de Presidente Kennedy- ES.

Nesse sentido, esse trabalho se justifica por conta da relevância do hábito de contar história na educação infantil, a importância da prática docente no uso da literatura e como esta pode influenciar na formação de leitores e na construção social destes alunos. As perguntas norteadoras deste estudo foram: como os professores do ensino infantil de Presidente Kennedy-ES, realizam a prática pedagógica da contação de histórias? O que os docentes pensam sobre o uso da literatura infantil em sua prática diária? E se estes conciliam e planejam a contação de histórias com os objetivos de aprendizagem da criança?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção dos professores sobre a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches Municipais de Presidente Kennedy-ES.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- ✓ Compreender como os professores desenvolvem a Literatura Infantil e a contação de Histórias no cotidiano escolar;
- ✓ Verificar os recursos disponíveis nas creches que viabilize esta prática e a formação docente para a contação de história;
- ✓ Refletir sobre o papel do professor no incentivo à leitura e contação de histórias como forma de contribuir para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança;
- ✓ Elaborar junto as professoras um E-book com sequências didáticas que contribua com a prática da cotação de histórias utilizando livro de literatura infantil —Uma Casinha Lá No Alto de Ilvan Filho. Direcionado aos profissionais da educação infantil do Município de Presidente Kennedy-ES.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A história da educação infantil passou por vários momentos importantes, até adquirir sua estrutura atual. Este capítulo busca retomar o processo histórico da educação infantil brasileira com o intuito de conhecer e compreender o contexto que esta educação foi consolidada.

Segundo Kuhlmann Jr. (2010) a intenção de proteger a infância impulsionou a criação de várias associações e instituições para atendê-la nos mais diversos aspectos como, saúde e sobrevivência, direitos sociais e educação. Anteriormente a este processo, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender as crianças das classes menos favorecidas. Vale ressaltar aqui, uma das instituições mais duradouras de atendimento à infância desvalida no Brasil, a Roda dos Expostos ou a Roda dos Excluídos¹. Por mais de um século a roda foi a única instituição de assistência à criança abandonada no Brasil, sendo extinta somente em 1950.

A não participação do Estado na implantação e funcionamento inicial das instituições de atendimento infantil permite, por um longo período, que este seja realizado por entidades de natureza filantrópica, privadas e religiosas, como a Associação Municipal Protetora da Infância Desvalida² criada em dezembro de 1871 pelo presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Dr. Antônio Ferreira Viana. Esta pretendia angariar fundos para manter a presença das crianças pobres e desvalidas nas escolas municipais.

Como outros exemplos desse tipo de instituição, temos a abertura em 1883 da Associação Protetora da Infância Desamparada, que segundo Paschoal e Machado (2009, p.157), foi uma das primeiras entidades que se preocupou com a questão da infância em âmbito nacional, pois —[...] além de criar uma instituição própria, a Associação pretendia centralizar informações sobre os estabelecimentos para sustentação, instrução e educação da infância desamparada no país. Também

¹ Criada em 1738, no Rio de Janeiro, era o local onde se colocavam os bebês abandonados,

² Protegida pela Princesa Isabel e pelo Conde D'Eu, a Associação apresentou Estatutos ao governo imperial em 3 de janeiro de 1872.

a Associação das Damas da Assistência à Infância, ligada ao IPAI-RJ³, auxiliava na manutenção do Instituto e em 1908 fundou a creche Sra. Alfredo Pinto para atender os filhos das empregadas domésticas.

Sabe-se que, as primeiras tentativas de atender à infância brasileira foram marcadas pelas iniciativas assistenciais e filantrópicas articuladas aos interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos (PASCHOAL E MACHADO, 2009, p.77).

Segundo Oliveira (1988) as instituições que amparavam as crianças para que os pais pudessem trabalhar fora de casa se deu no século XVIII, quando esta prática começou a ser realizada pelas instituições religiosas apenas com o fundamento de amparar crianças abandonadas, principalmente, nas rodas de excluídos que, na maioria das vezes, essas crianças eram frutos de abusos sexuais cometidos contra negras e índias pelos seus senhores, e com isso eles/as eram abandonadas nessas rodas ou adotadas por fazendeiros para posteriormente se tornarem mão de obra em suas terras.

A infância, o trabalho feminino envolvendo as mães, assim como os problemas econômicos do processo da sociedade capitalista, a urbanização e a organização do trabalho industrial constituem o pano de fundo histórico das primeiras instalações de creches no Brasil.

A criação de instituições que envolvesse o cuidado das crianças, hoje denominadas como creches se deram por meio da evolução, não só do Brasil, mas do mundo, pois a inserção da mulher no mercado de trabalho foi de grande relevância para que essa realidade começasse a se transformar no país, uma vez que a presença feminina se modifica desde o início do século XVIII, quando as mulheres passaram a não se dedicar somente a família e a casa, mas também nas atividades remuneradas para auxiliar no orçamento familiar, como expõe Oliveira (1988, p. 44).

A história da creche liga-se a modificações do papel da mulher em nossa sociedade e suas repercussões no âmbito da família, e especial no que diz respeito à educação dos filhos. As mudanças daquele papel inserem-se no conjunto complexo e contraditório de fatores presentes em nossa

Segundo Oliveira (1988), essa realidade começa a se transformar com a

³ Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro. organização social com suas características econômicas, políticas e culturais.

evolução no setor industrial, pois como os homens exerciam a mão de obra nas lavouras, as mulheres passaram a ingressar nas fábricas, e com isso a luta para que seus/as filhos/as tivessem lugar para ficar se iniciou. Vale ressaltar que esse processo se deu de forma vagarosa, pois para os proprietários das fábricas a única coisa que eles visavam eram os lucros, a situação de seus operários/as não os importava muito.

A necessidade de ajuda nos cuidados com os filhos foi produzida pelo novo sistema econômico industrial. Mas não foi reconhecido como um dever social. Algumas creches próximas às fábricas foram criadas pelos empresários e usadas nos ajustes das relações de trabalho. Ainda assim, o discurso existente na época era de um ideal de mulher voltada para família e cuidado com os filhos no ambiente doméstico. O atendimento à criança pequena em creches era de cunho assistencialista, o higienismo dominava a expectativa de educação de crianças pequenas (OLIVEIRA, 1988, p. 43).

Percebe-se que a preponderância de justificativas para a ampliação de uma educação compensatória, para contrapesar as deficiências e defasagens socioculturais da classe trabalhadora, serviram para camuflar o interesse pela infância brasileira que propendia atender aos desejos da nova sociedade que estava se desenvolvendo e não simplesmente para o bem-estar da criança.

No entanto o objetivo das creches possuía certo cunho educacional destinado a população mais carente, esses ambientes se configuraram, então, como instituições destinadas a uma educação específica para o setor social da população, conduzida à submissão não só das famílias, mas também das crianças. Uma educação mais moral do que intelectual, o que assegurava sua baixa posição na sociedade sem condições de pensarem em suas realidades. Essa educação pobre para pobres, oferecida nestas instituições, portanto, não resguardaria o direito da criança e da família ao pleno desenvolvimento social (PASCHOAL E MACHADO, 2009, p.67).

Assim, as primeiras tentativas de atender à infância brasileira foram apontadas pelas iniciativas assistenciais e filantrópicas articuladas aos interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos. Oliveira (1988), diz que com intuito de proteger a infância acabou impulsionando a criação de várias associações e instituições para atendê-la nos mais diversos aspectos como, saúde esobrevivência, direitos sociais e educação. Antes a este processo, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender as crianças das classes menos favorecidas.

Portanto, o atendimento à infância passa a definir um tempo de submissão e constituição de novos sujeitos, de uma nova criança: aquela a ser escolarizável. Como proposta de uma instituição contemporânea, a creche, para as crianças de zero a três anos e onze meses (KUHLMANN JR., 2010).

[...] foi vista como muito mais do que um aprimoramento das Casas dos Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrário, foi apresentada em substituição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças (2010, p.78).

Ao contrário da Europa, onde foram estabelecidas creches para desenvolver atividades industriais para mulheres. Aqui a creche era oferecida como uma nova instituição para a solução dos problemas trazidos pela Lei do Ventre Livre, com a educação de crianças filhos de escravos. A partir do período republicano, quando as fábricas e indústrias ganharam maior impulso, outras instituições⁴ foram sendo inauguradas para atender as crianças filhos de trabalhadores e operários, sendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal precursores nessa proposta:

Em São Paulo, desde dezembro de 1920, a Lei previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto às fábricas que oferecessem locais e alimento para crianças. As poucas empresas que se propunham a atender os filhos de suas trabalhadoras o faziam desde o berçário, ocupando-se também da instalação de creches (KUHLMANN JR., 2010b, p.8)

A polarização, presente nos estudos sobre a educação Creches, chega a atribuir à história da educação infantil uma visão linear, pois, segundo Kuhlmann Jr. (2010), primeiro se passaria por uma fase médica, depois por uma assistencial, etc., culminando, nos dias de hoje, no atingir da etapa educacional, entendida como superior, neutra e positiva, em si em contraposição aos outros aspectos. No entanto, Paschoal e Machado (2009) relatam que:

⁴ Relação das primeiras instituições pré-escolares assistenciais que se tem registro e mencionadas por Paschoal e Machado (2009), no estudo de Kuhlmann Junior (2010): Patronato de Menores (DF) – 1906; Assistência de Santa Thereza (DF) – 1908; criada pelo IPAI-RJ a creche Sra. Alfredo Pinto 1908; Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (SP) – 1901; Creche Baroneza de Limeira (SP) – 1913. Creches vinculadas às fábricas e indústrias: Creche Fábrica de Tecidos Corcovado no Rio de Janeiro fundada em 1899. Ainda no Rio de Janeiro, a Creche da Companhia de Tecidos Alliança inaugurada em 1904. Em São Paulo as creches da Vila Operária Maria Zélia, do industrial Jorge Street criada em 1918 e da Indústria Votorantim de 1925. E no Distrito Federal, a Creche Central fundada em 1908. Chegando a contar 15 creches, em 1921, e 47, em 1924, distribuídas por várias capitais e algumas cidades do país.

O que compete avaliar e analisar é que, no método histórico de constituição das instituições creches destinadas à infância carente, o assistencialismo, foi configurado como uma sugestão educacional específica para o setor social, dirigida para a submissão não só das famílias, mas também das crianças das classes públicas. Ou seja, a educação não seria fundamentalmente sinônimo de emancipação. O fato destas instituições carregarem em suas composições a destinação a uma parcela social, a humildade, já representa uma concepção educacional (2009, p.166).

Na década de 1980, a educação infantil avançou. No entanto, somente com a Constituição de 1988⁵ as creches e pré-escolas passam a compor os sistemas educacionais (BRASIL, 1988).

A partir de 1988, com a Constituição Federal a educação infantil passou a ser considerada parte integrante da educação básica. A Constituição Federal no artigo 208 menciona os direitos específicos das crianças.

Art. 208. As obrigações educacionais do Estado serão garantidas por: IV- Educação infantil em creches e pré-escolas para menores de 5 (cinco anos); (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). (BRASIL, 1988, p.32)

A Constituição de 1988 define a creche / pré-escola como um direito da família e estipula a obrigação do estado de prestar esse serviço. Outro documento importante que reafirma os direitos da criança é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) promulgado em 1990; em seu Art. 54, inciso IV, também descreve a educação das crianças como uma obrigação do Estado.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), incorpora o artigo 227 da Constituição Federal, que estipula: Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente com saúde, alimentação, educação, lazer, especialização, cultura, dignidade e respeito, além de protegê-los de todas as formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, p. 113).

Assim, a Constituição Federal consolida o direito social de oferecer creches e pré-escolas desde crianças, e não só traz contribuições valiosas para a sociedade, mas também para a educação, e consolida o direito mais importante das crianças: a educação

⁵ A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), destaca a Educação Infantil em creches e pré-escolas como um direito da criança, dever do Estado e da família. No artigo 208, estipula a efetivação do dever do Estado com a educação na garantia de atendimento em creche e pré escola para crianças de 0 a 6 anos de idade.

.A determinação constitucional ganha estatuto legal mais definido anos depois, com a LDB ' 9.394/96⁶, quando esta reconhece as instituições de atendimento às crianças como parte do sistema educacional. Essas definições se situam no âmbito de um marco mais significativo, como:

A importância do reconhecimento dessas instituições como parte do sistema educacional, assinalando para a possibilidade da superação desses espaços de segregação social, que isolam as crianças carentes em instituições educacionais vinculadas aos órgãos de assistência social (KUHLMANN JUNIOR, 2010a, p. 93).

O inciso IV do artigo 208 diz: As atribuições do Estado serão exercidas garantindo: IV - creche e pré-escola para crianças de zero a seis anos^{II} (Brasil, 1988). As grandes mudanças e avanços na Educação Infantil foram resultado da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de dezembro de 1996, que proporcionou a garantia e o acesso com a formulação da emenda constitucional às "Diretrizes Educacionais e Lei Básica", foi formulado um plano de educação para crianças de 0 a 6 anos de idade a fim de contribuir para o seu desenvolvimento.

O artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394 / 96) foi pioneiro em estabelecer a necessidade de formação dos profissionais da educação infantil. De acordo com a lei, a formação dos educadores nesta seção deve ser — a formação mínima ministrada na modalidade normal de nível médio, mas deve ser ministrada em nível superior. O texto também reiterou a responsabilidade constitucional dos municípios em prover a educação infantil com assistência técnica e financeira federal e estadual (BRASIL, 1988, p. 32)

A LDB também define em seu artigo 29 que o objetivo da educação infantil é desenvolver de forma integral as crianças menores de seis anos nos aspectos físico, mental, intelectual e social para complementar as ações familiares e comunitárias. Nessa perspectiva, o objetivo da LDB não é antecipar a vida escolar das crianças menores de seis anos na educação infantil, mas resguardar seus direitos e o cuidado cotidiano de cidadania (BRASIL, 1988).

Paschoal e Machado (2009) afirmam que o direito à educação estipulada na Constituição Federal e no Regulamento do Adolescente e da Criança^{III} tornou-se norma e regra que devem ser regulamentadas. Portanto, o objetivo da LDB é

⁶ A —Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional^{III} (LDB), Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), constitui a Educação Infantil, como etapa da Educação Básica.

reconhecer a importância das atividades realizadas na educação infantil e mostrar que cuidado e educação se conjugam.

Para tanto o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1988) é um documento oficial que fornece uma referência para cada município e cada instituição de ensino formular recomendações pedagógicas com base em suas reais condições. O objetivo é apontar metas de qualidade que ajudarão as crianças a desenvolver suas identidades de uma forma abrangente e se tornarem cidadãos reconhecidos dos direitos da criança.

Pretende, ainda,

contribuir para o alcance dos objetivos de socialização desta fase de ensino na instituição e proporcionar um ambiente para que as crianças possam aceder e aprofundar os seus conhecimentos sobre a realidade social e cultural. Com o objetivo de fornecer parâmetros para a manutenção e implantação de novas instituições de educação infantil, o MEC emitiu, em 1998, o documento "Certificação e Subsídios para Funcionamento de Instituições de Educação Infantil". No mesmo ano, o Ministério da Educação formulou o "Currículo da Educação Infantil". A responsabilidade deste é atribuída pela LDB a cada instituição e seus professores (BRASIL, 1988, p.31)

O Ministério da Educação editou o "Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil" como parte dos parâmetros curriculares nacionais. Um ano depois, em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Segundo Guimarães (2011), a educação infantil não é só uma necessidade, mas um direito de todas as crianças brasileiras. No Brasil, a educação infantil I é considerada o período da vida escolar em que crianças de 0 a 5 anos e 11 meses são acolhidas pedagogicamente.

O equipamento educacional para crianças de 4 a 6 anos é denominado "pré-escolar", o que significa um grande avanço, pois possibilita desatar o auxílio estrito, e garante as características de ensino, sensibilizando as pessoas para a tecnologia em termos de técnicas, e métodos, incluindo o âmbito da legislação, um enorme progresso foi feito, para além dos limites do simples "cuidado" (2011, p. 32).

Mesmo sobre os avanços no atendimento à criança, Paschoal e Machado (2009) destacam que em 1998 o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) formularam as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil⁷, de caráter mandatário, demonstrando preocupações com a qualidade

⁷ Revisadas e atualizadas em 2010.

do atendimento às crianças de 0 a 6 anos, que apontam a organização e os princípios éticos, estéticos e políticos para o trabalho dia-a-dia.

No ano (1998) foi publicado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Porém, como observa Guimarães (2011, p. 32), esse documento, embora visto como um avanço gera discussões na sociedade e na academia:

[...] por um lado, estabelece a educação infantil como lugar de construção da identidade e da autonomia da criança, por outro lado, a estruturação dos conteúdos e métodos mostra a preocupação com a antecipação dos conteúdos do ensino fundamental.

Já Paschoal e Machado (2009, p.8) ressalta que esse novo período, incentivado novamente pela crescente presença feminina no mercado de trabalho, é marcado pelo importância das instituições de educação infantil como dignas e legítimas, como passíveis de fornecer uma boa educação para as crianças que as frequente, desde que atendam os padrões de qualidade exigidos para isso.

De acordo com Paschoal e Machado (2009) o enraizamento já existente que as creches eram locais de abrigo, no qual a criança fica só para a guarda, conforme as políticas anteriores à LDB (9394/96) e ao ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), ainda hoje essa é a concepção assistencial que se acaba perpetuando na maioria dos municípios do país. Outros fatores agregados a esse também são relevantes, tais como, o fato da procura por vagas ser grande e o município não conseguir atender a essa demanda e restritivo por oferecer um serviço aquém do previsto pela legislação educacional.

Contudo, os autores ainda ressaltam que a incorporação das creches aos sistemas educacionais não necessariamente tem proporcionado a superação da concepção educacional assistencialista. Pela falta de verbas para a educação infantil novas categorias por idades estão sendo estabelecidas, onde crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, frequentariam as creches e os maiores, de 4 a 6, as pré-escolas, — [...] são diversas as notícias de municípios criando centros de educação infantil e limitando o atendimento em período integral (PASCHOAL E MACHADO, 2009, p.17) fato que está sendo presenciado na atualidade.

No período que a Educação Infantil passou por reformulações no campo das políticas públicas, muitos avanços foram obtidos na Constituição Federal, que promulgada em 5 de outubro de 1988, projetou alterações para a educação das crianças de 0 a 6 anos que foram consideradas como avanços, segundo os

educadores da área⁸. Esse avanço foi relevante à medida que nele se verifica a formalização da política educacional brasileira, refletindo a concepção de educação infantil, concepção esta, hegemônica da educação das crianças para a sociedade contemporânea. No entanto ainda se precisa de uma forte ação na execução da Constituição Federal. Porém, à medida que se dava a formalização da política educacional e as primeiras medidas de sua implementação, a exemplo das medidas de financiamento, a Educação Infantil ia perdendo o destaque obtido. Essa situação guarda estreita relação com o atual processo de reforma do Estado brasileiro.

Nesse sentido, entende-se como suposto a Educação Infantil como uma fração das políticas sociais, compreendendo-a como uma medida de reprodução da força de trabalho que funciona como uma forma de salário indireto⁹ (Oliveira, 1998),

possibilitando a permanência das mulheres no mercado de trabalho. Com isso, embora na proposição da política educacional a Educação Infantil seja considerada como a primeira etapa da educação básica, na ação, ela permanece circunscrita ao âmbito assistencial.

2.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

O surgimento da literatura infantil no Brasil deve-se à aceleração da urbanização entre o final do século XIX e o início do século XX. De acordo com a descrição de Lajolo e Zilberman (2004, p. 28), a partir desse momento, surgiu um grande número de consumidores de produtos culturais, e o conhecimento passou a ser importante para novos modelos sociais. Com isso, algumas editoras no Brasil passaram a fazer traduções e adaptações de obras literárias para crianças e jovens, e depois, para crianças brasileiras carentes de educação, para o público entusiasta, é preciso conhecer a literatura nacional para consumir produtos culturais da nova era.

Nesse sentido Sandroni (1998) salienta que:

Até o fim do século XIX, a literatura voltada para crianças e jovens era importada e vendida no mercado disponível apenas para a elite brasileira, constituindo-se principalmente de traduções feitas em Portugal, pois, no Brasil ainda não havia editoras e os autores brasileiros tinham seus textos

⁸ Nesse sentido ver Demo (1994); Campos, Rosemberg, Ferreira (1989); Arroyo (1994), dentre outros.

⁹ Além da educação, são exemplos de salário indireto: o sistema de saúde (Sistema Único de Saúde - SUS), o transporte urbano (vale-transporte), a previdência social (Instituto Nacional de Serviço Social - INSS), e outros.

impressos na Europa (SANDRONI, 1998, p. 11).

Sandroni (1998) afirma também que, Monteiro Lobato foi, sem dúvida, um divisor de águas na literatura infantil brasileira, suas alegorias e o conto popular ganharam destaque em meio aos contos do Sítio do Pica-pau Amarelo; Histórias de tia Nastácia; Histórias de Dona Benta entre outros, Monteiro recriou uma vertente para a literatura infantil, a criticidade estava muito presente em seus textos, bem como a oralidade, que continham a pluralidade de vozes e a exploração da intertextualidade, ao anexar à oralidade as inquietações de Emília e Narizinho a criação de neologismos, a ruptura com regras rígidas da construção literária e a aproximação da linguagem coloquial, da mesma forma a ironia e a mistura entre real e imaginário. E isso fez com que a literatura se aproximasse ainda mais das crianças, caindo no gosto desses leitores. Para Sandroni, a publicação de —A menina narizinho arrebitadoll, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada especialmente às crianças e jovens.

Monteiro Lobato incorpora a temática do folclore em suas obras, o que tem influenciado muitos autores, principalmente os da década de 1970, que criaram um novo modelo de literatura infantil e propuseram uma linguagem inovadora e poética, levantando temas e questões da sociedade brasileira. Esta linguagem inovadora concentra-se no humor ficcional, para que as crianças na leitura se tornem mais reflexivas e participativas. Lobato acreditava que os jovens leitores podiam adquirir consciência crítica a partir da simplicidade das palavras que as crianças entendem facilmente.

As origens da literatura infantil brasileira supracitado se remete à obras de literatura didática / escolar desenvolvidas sobretudo no final do século XIX e início do XX, por educadores do país com intuito de ensinar as crianças de forma agradável valores morais, sociais, regras de conduta, entre outros, concebidos, pelo modelo republicano, como necessários na formação da população nacional, diversos assuntos foram relacionados à cultura escolar urbana (MORTATTI, 2000).

Dentre os temas importantes o cultivo da moral era urgente, conectada a essa necessidade, Cecília Meireles escrevia para as crianças.

Em 1924, publicou o livro didático Criança, meu amor pelo Anuário do Brasil. Uma obra adotada pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, e

aprovada pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco (LOBO, 2002). Destaca-se um trecho desta obra, em que Cecília Meireles, em uma escrita poética e agradável, num tempo de valorização da cultura moral e cívica, apresenta à criança o dever para com a escola.

Devo Amar a Escola, como se fosse o meu Lar Entrei na escola pequenino e ignorante: mas hei de estudar com amor, para vir a ser um homem instruído e um homem de bem. A escola abrigou-me tão cuidadosamente como se fosse a casa de meus pais. A escola deu-me horas de alegria, sempre que me esforcei trabalhando. A escola conhece o meu coração, conhece os meus sonhos, conhece os meus desejos. E só quero ter desejos e sonhos bons, nesta casa que respeito como um lugar sagrado, em que a gente fica em meditação, para se tornar melhor (MEIRELES, 2001, p. 19).

Cecília Meireles em 1939, publicou pela Globo de Porto Alegre o livro Rute e Alberto, adotado pelas escolas públicas no ensino de Ciências Sociais. A obra posteriormente foi adaptada para o ensino da Língua Inglesa em 1945, em Boston (LOBO, 2002). Destaca-se também a obra Olhinhos de gato, publicado entre 1939 e 1940.

Cecília Meireles foi uma poeta e educadora que se preocupou com a aprendizagem e a sensibilidade infantil. Procurou expor em seus poemas sonhos e fantasias do mundo das crianças. Seus poemas direcionados à infância são repletos de rimas e musicalidade, como por exemplo, o poema A Bailarina (MEIRELES, 2001, p. 20).

É vasta a produção literária de Cecília Meireles direcionada às crianças. A literatura infantil sempre exerceu fascínio sobre ela, constituindo-se uma de suas grandes preocupações.

Mais uma vez se recorda aqui a secura dos livros feitos com o simples intuito de venda fácil: livros que não provêm de nenhuma vocação, que não representam um sonho de comunicabilidade entre os seus autores e os leitores a que se destinam; que se resumem num certo número de páginas impressas, lançadas à sorte, sem uma intenção mais alta, pairando sobre a sua aventura... (MEIRELES, 2001 c, p. 137).

Para Cecília Meireles, o escritor de livros infantis devia se preocupar com a formação da infância. Escrever era um exercício de poesia, de expor uma beleza interior, inquieta no coração do escritor, bem como passar a fantasia de maneira real para a criança, contando histórias de fantasias como se fossem verdades.

Nos dias atuais muito se tem discutido no que diz respeito ao processo de leitura na educação infantil. O gosto pela leitura vem se perdendo ao longo do

tempo, no entanto, resgatar o interesse das crianças é muito importante, pois quanto mais cedo for inserida a leitura mais rápida será o seu desenvolvimento.

Sabe-se que a literatura infantil é de grande importância para incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos são formados, isto é, desde a infância da criança. ABRAMOVICH (2005, P. 43) afirma que,

as creches precisam utilizar a literatura infantil como uma das principais fontes de conhecimentos adquiridos em tempo real, contribuindo assim, para que os alunos possam desenvolver o hábito de ler desde muito cedo. Nos anos iniciais da Educação Básica, o impacto da leitura na vivência do aluno faz despertar o costume de conhecer o mundo ao seu redor, através de livros clássicos infantis que podem auxiliá-lo na formação da sua identidade e no crescimento intelectual para o resto de sua vida.

A leitura tem por finalidade adaptar o crescimento educacional do aluno. Quem tem o hábito de ler, tem mais chances de conhecer diversos assuntos sem ao menos sair de casa. Ela enriquece o indivíduo, gera um vocabulário extenso e rico, motiva uma escrita mais quantitativa e qualitativa, levando o leitor a se ver em diversos mundos, onde o mesmo pode trafegar em diferentes rotas e tempos distintos, possibilitando dessa forma o encontro com o imaginário e renovando o já conhecido com o desconhecido, isto é, um encontro entre o presente e o passado.

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias é uma estratégia importante que auxilia na formação das crianças, na compreensão e absorção dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico.

[...] o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas - históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc. (FARIA, 2010, p. 12).

Sobretudo por essas razões que o texto literário, em especial a contação de história se caracteriza como um instrumento importante para que o professor possa

propiciar momentos reais de atividades em sala de aula, gerando motivação e necessidade de ler nas crianças, desde muito pequenas. Na educação infantil os professores devem ser incentivadores do hábito da leitura. Para isso, contar ou ler histórias para crianças desde pequenas é de grande valor para despertar nelas o desejo pela leitura e assim contribuir para o seu desenvolvimento e, portanto, pensar em uma melhor aprendizagem. Abramovich (2004, p. 18) sugere que:

para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção ... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte.

Contar uma história é fazer a criança sentir-se identificada com os personagens. É trazer todo o enredo à presença do ouvinte e fazer com que ele se incorpore à trama da história, como parte dela. As crianças agem, pensam, sentem, sofrem, alegram-se como se fossem elas próprias os personagens.

A contação de história contribui com o desenvolvimento intelectual da criança pois instiga a imaginação por meio da construção de imagens no mundo da realidade e ficção, atua também no desenvolvimento comunicativo logo, que a sua provocação da oralidade leva o aluno a dialogar com seus colegas, desenvolve, além disso, a interação sociocultural da criança ao proporcionar interações entre os alunos cria laços sociais e contribui na formação do gosto pela literatura e artes.

Um trabalho minucioso com crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio (FARIA, 2010, p. 59).

Portanto, cabe ao professor/contador propor aos alunos através das narrativas adentrarem nas histórias e nesse mundo da imaginação gerar reflexões e possíveis soluções para os conflitos permeados no cotidiano infantil e vivenciados pelos alunos- ouvintes. Por meio dessas narrativas, a criança vislumbra maneiras de lidar com seus medos, suas falhas, assim como de resolver as questões que se colocavam como obstáculos para seu desenvolvimento como afirma Bettelheim, (1978, p, 20):

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve

estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

A história assim vivida pode provocar-lhes sentimentos novos e aperfeiçoar outros. Por isso as histórias não devem ser deprimentes. O final deve ser feliz, para transmitir aos ouvintes uma emoção sadia. O principal na arte de contar histórias é saber despertar a emoção. Dentre as particularidades da literatura infantil, Faria (2010) aponta para o fato da literatura infantil ser um gênero literário destinado em específico às crianças e conta hoje com diversos recursos, como diferentes suportes de texto, ilustrações cada vez mais ricas, grande variedade de histórias e temas, entre outros fatores, que podem auxiliar o professor na complexa tarefa de formar crianças leitoras.

Os professores podem revalorizar a contação de histórias, mostrando que isso é muito importante no desenvolvimento cognitivo, linguístico, comunicativo e psicológico da criança (ABRAMOVICH, 2005). Afirmar ainda a necessidade de implementar práticas pedagógicas prazerosas e regulares, como contar e ler textos de contos de fadas, para garantir uma relação escolar bem-sucedida, visto que a leitura é ferramenta instrumental na cultura brasileira.

Antes de qualquer contação de história é necessário que o narrador prepare uma sessão para entrar no mundo da imaginação para que o leitor-ouvinte se sinta convidado a conhecer segredos e revelações, momento de inteira confiança. De acordo com Cavalcanti (2002) esta estratégia pedagógica pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil. O ato de contar histórias caminha do simples para o complexo e que implica em estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas à contação de história devem ser desenvolvidas com muito critério.

Segundo Abramovich (2005) o contato com a literatura infantil especificamente o trabalho realizado com os contos infantis na promoção de sucesso das crianças no campo da autoestima, da identidade cultural, da independência e da capacidade de lidar com o mundo a sua volta. Para tanto, a autora afirma que a linguagem e os enredos literários são metas pedagógicas que proporcionam possibilidade da criança ter sucesso em duas dimensões.

A primeira dimensão é a subjetiva, onde a criança pode vivenciar no livro aquilo que mais a atrai: sem receio de ser assistida, principalmente, por um adulto e pode lidar com seus problemas em tempos e espaços que são todos seus; por outro lado, a segunda dimensão trabalha com a realidade e isso mantém a criança no mundo real, onde ela tem a consciência de ser leitor. Essa duplicidade de atividade intelectual familiariza a criança com o simbólico e com suas possibilidades intelectuais dando-lhe, portanto, autoestima e identidade psicológica e social (ABRAMOVICH 2005, p. 55).

Percebe-se então, que a contação de história é usada como auxílio para a identidade cultural, já que a oralidade é bastante enfatizada e o imaginário estimulado. Contudo, compreende-se que para formar leitores é imprescindível a participação dos docentes, atuando na elaboração das estratégias a serem tomadas e definindo os objetivos a serem atingidos. Para Cavalcanti, (2002), a linguagem brota como instrumento mediador durante os movimentos interativos com as crianças e com seus colegas; no entanto, a linguagem oral não é a único modo da criança se expressar; em seu universo, percebe-se o gesto, risos, expressões faciais, movimentos corporais que se constituem como as múltiplas linguagens dela. Durante a atividade de contar história, será dado lugar à escuta da voz da criança e à interação criança-criança. As crianças sempre que interagem revelam as suas emoções, o entusiasmo pela história e demonstração de afeto entre si.

No contexto da contação de histórias Fanny Abramovich (2005, p. 24) menciona que "O livro da criança que ainda não lê é a história contada":

Ouvir a história é se divertir, curtir, imaginar... É uma espécie de encanto, espetáculo, encantamento... A história também conta o livro de uma criança que ainda não leu. É (ou pode ser) um amplificador de referência, colocando poemas, causando inquietação, desencadeando emoções, suspense sendo resolvido, alegrias, sentimentos de desejo, memórias ressuscitadas, apontando novos caminhos, sorrisos brilhantes, bela alegria, mais de mil maravilhas, mais que uma boa história provoca (ABRAMOVICH, 2005, p. 24).

A contação de histórias oferece aos alunos à oportunidade de responder à literatura e desenvolver suas próprias opiniões sobre o tópico. Isso fortalece o domínio do desenvolvimento cognitivo, pois estimula um pensamento mais profundo. A literatura de qualidade não diz ao leitor tudo o que ele precisa saber, permitindo que cada um imagine, deduza e leia em suas entrelinhas. Assim, um leitor pode tirar algo completamente diferente da literatura do que o outro, com base nos seus pontos de vista e experiências pessoais. Podem aprender a avaliar e analisar a literatura, bem como resumir e fazer hipóteses sobre o tópico (ZILBERMAN, 2005).

Segundo Abramovich (2005), uma "Boa hora do conto" bem planejada pode

provocar muitas alegrias para as crianças. Desde que a história seja cuidadosamente planejada e selecionada. Porque se o contador de histórias não conhece os requisitos básicos como o assunto, e os personagens, podem fazer com que as crianças fiquem dispersas. Desse modo, a história se perde e as crianças não se interessam. Porém, se o contador entender bem a história, ele conseguirá prender a atenção do começo ao fim.

Para contar uma história deve existir toda uma preparação desde a escolha até a compreensão aprofundada. Cada faixa etária tem uma indicação específica, Coelho (2003, p.14) assenta que —dentre os vários indicadores que nos orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária.

Vigotsky, (1991), afirma que a oralidade é uma forma de orientar as crianças a desenvolver sua imaginação, emoções e sentimentos de uma forma agradável e significativa. Para as crianças que ainda não sabem ler, o professor é o elo com o mundo da fantasia e pode ser usado como uma estratégia para estimular as atividades de leitura e interpretação, pois a literatura infantil contribui para todos os aspectos da formação do aluno, como emoção, compreensão e cognitivo.

Gotlib (1999, p.13) explica que —a história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir de critérios de invenção, que foi se desenvolvendo. [...] A voz do contador, seja oral ou seja escrita, sempre pode interferir no seu discurso. É preciso que a educação seja um espaço para a descoberta. Ao ouvir a história as crianças entram num mundo fascinante, cheio de segredos e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina.

Ao contar uma história as experiências vão além do imaginário, estas se correlacionam com a vida real. Como constata Rodrigues (2005):

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Esse momento faz toda a diferença para que os ouvintes se sintam inseridos na história. É fundamental que o professor conheça muito bem a história escolhida para contar, antes de emocionar o público a mesma deve tocar o coração do contador. Segundo Abramovich (2005) contar histórias é uma arte, que não pode ser

feita de qualquer jeito, pegando qualquer livro, sem nenhum planejamento.

Lajolo (2004) diz que —[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa civilização, quanto mais compreensiva a visão de mundo e de vida, mais profundamente se lê. A autora expõe uma ideia descomplicada do complicado mundo da decodificação através da oralidade.

Quando se escolhe uma história é preciso que o contador saiba quais histórias contar para a faixa etária dos ouvintes e este momento quando bem planejado, é capaz de atingir emoções e despertar as mais diversas emoções aos ouvintes. Segundo Abramovich (2005), a história tem o poder de entrar na mente e no coração simultaneamente, despertando sensações diversas:

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 2005, p. 37).

Escolher os recursos para cada contação faz com que a criança perceba que há uma preparação por parte do contador. A expressão corporal do contador também é um recurso muito importante, uma vez que o corpo, os gestos, as mãos e os olhos falam. Nesse sentido, podemos refletir sobre as palavras de Busatto:

Importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos apropriar dele para encantar, é necessário a consciência de que o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria. (2003, p. 82).

Dentre estes recursos a voz do contador é um dos mais importantes recursos para atrair a atenção dos ouvintes para a narrativa, dependendo do clímax da história, a voz deverá ser intensificada o ritmo e a intensidade para dar mais ênfase ao momento do conto durante a narrativa têm de se tomar o máximo cuidado com os vícios de linguagem, pois segundo Tahan (1996), a narrativa pode ficar entrecortada por expressões viciadas, repetitivas e incômodas.

Além disso deve-se evitar cacoetes, para Brito (2003), a voz deve ser clara e audível e este enfatiza a importância da voz para o narrador:

Narrando a história com voz clara e limpa, valorizando cada parte por meio de mudanças de entonação: usando a voz em seu registro mais grave ou mais agudo, dependendo da situação, com maior ou menor intensidade, variando a velocidade da narrativa ou das palavras etc. Esses aspectos enriquecem a interpretação e chamam a atenção dos bebês e crianças para

a diversidade sonora e expressiva, assim como para a riqueza de possibilidades de exploração a voz (BRITO, 2003, p. 162).

Outro recurso que o contador poderá utilizar é o livro, pois este traz a narrativa na íntegra e muitas vezes este possui imagens que faz com que o ouvinte entenda melhor o enredo da história. De acordo com Coelho (1991), existem textos que indispensavelmente requerem a apresentação do livro, pois a ilustração o complementa, mostrando-se tão rica quanto o texto.

No entanto, caso as ilustrações sejam pequenas ou até mesmo graficamente sem resoluções, o professor poderá ampliá-las e utilizar como cartazes principalmente quando o público tem faixa etária mais nova, como lembra Coelho (1991) onde o mesmo afirma que as histórias contadas com apresentação de gravuras favorecem, sobretudo, as crianças, e permitem que observem detalhes e contribuem para a organização do seu pensamento e desperta a imaginação, a emoção e o fascínio do ouvir histórias.

A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção.

Nesse sentido Abramovich afirma:

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores [...]. É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. A história contada é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos, apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca (ABRAMOVICH, 2005, p. 24).

A esse respeito, e ainda empregando Abramovich como exemplo, Zilberman explica o seguinte:

O mundo maravilhoso cheio de fantasias é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário no qual o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais. Consequentemente não é a saída que coloca o herói perante o mundo, mas sua volta; o primeiro movimento leva o protagonista ao encontro de si mesmo – esta é sua grande aventura, a qual lhe permitirá enfrentar o contexto circundante, confiando em si ou conformado com sua falta de poder. Em razão disso, a imaginação deve ser estimulada através do mediador, pois este impõe um modelo narrativo que se desenvolve à medida que o protagonista abandona o setor familiar e ingressa em horizontes imaginárias. Além disso, o mediador desencadeia o modelo de leitura da obra, pois tão somente pela ativação do universo imaginário da criança dá-se sua aceitação e deciframento. Em virtude de tal fato, mesmo lidando com eventos extraordinários, o conto precisa ter algo a dizer ao leitor, fundado na coerência da história e na validade dos conflitos que apresenta fatores indispensáveis para a sua comunicabilidade

(ZILBERMAN, 2005, p. 130).

A contação de história como forma de leitura prazerosa também faz com que o leitor adquira novos conhecimentos. Segundo Paiva e Oliveira (2010, p.33), a leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento e sim estimula a curiosidade do leitor, a assimilação de novas informações e permite a experiência com diferentes emoções, assim constrói novos conhecimentos.

Desta maneira, o professor como mediador dessa relação deve favorecer o diálogo entre leitor e livro.

Paiva e Oliveira (2010) ressaltam que é imprescindível que os educadores enxerguem o aluno como parte essencial deste processo, promovendo a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única.

Nesse processo, os educadores têm que assumir o papel principal sobre o planejamento das atividades de literatura que serão desenvolvidas com seus alunos, eles devem ter clareza sobre sua metodologia, despertar questionamentos e promover a construção de novos significados, propondo um horizonte de reflexão.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

À medida que a sociedade e a cultura evoluem, os significados mudam e a maneira de ler e escrever muda, de modo que hoje essas tarefas são concebidas não apenas como processos cognitivos, mas também como práticas socioculturais. Se a prática de leitura mudou, seu ensino também deve mudar, pois é necessário ensinar as crianças a se tornarem cidadãos que entendem vários discursos como produtos ideológicos. Isso é destacado por Krug (2015) ao afirmar que a sociedade de hoje chama para ler e processar outros tipos de textos em novos contextos, com diferentes finalidades, gêneros, formas e idiomas.

O mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor - deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, será detentor do poderio de gerar novos bons leitores. Para tanto, como mediador desse processo de transformação de hábitos, o professor deverá explicitar aos seus alunos que, ao ler-se, realiza-se um exercício amplo de raciocínio, tornando-nos indivíduos praticantes da categoria, sujeitos cultos, justos, solidários, sábios e criativos (KRUG, 2015, p. 2).

Assim, cabe ao professor refletir sobre o tipo de leitor que quer formar, quais

habilidades quer desenvolver e quais estratégias colocam em prática, a fim de despertar o interesse pela leitura. Segundo Kleiman (2004, p. 35):

A leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura, quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercitando atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido.

A conscientização sobre a importância da leitura como uma construção humana e social está diretamente ligada à sua utilidade e à adequação de ações por parte dos professores, para que as estratégias de leitura denotem uma intencionalidade e propósito por parte do aluno (KLEIMAN, 2004).

No contato individual e silencioso com a leitura, as crianças mergulham num mundo real e imaginário, e vão sendo capazes de ir diferenciando o real do faz de conta. E a literatura sendo um fator cultural acompanha o desenvolvimento das crianças e ajuda-os na sua formação cognitiva, emocional e social. Para a autora Corsino:

Ler o mundo, ouvir histórias são fatores que influenciam na formação do leitor, uma vez que a formação do leitor se inicia nas suas primeiras leituras de mundo, na prática de ouvir histórias narradas oralmente ou a partir de textos escritos, na elaboração de significados e na descoberta tendo o professor como mediador (CORSINO, 2009, p. 57).

Neste contexto, Silva (2003, p.74), —Colocando-se a serviço de professores, aqui tomados agentes de mediação das práticas educativas, os conhecimentos pedagógicos podem orientar mais objetiva e racionalmente as ações voltadas à educação dos leitores. Com isso, percebe-se o professor como agente ativo de estímulo em relação ao aluno no papel de despertar o interesse e o gosto pela leitura. De acordo Silva (2003, p.109).

Mais especificamente, para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo, um bom leitor. No âmbito das escolas, de nada vale o velho ditado “faça como eu digo (ou ordeno!), não faça como eu faço (porque eu mesmo não sei fazer)” isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura (SILVA, 2003, p. 109)

Silva (2003, p. 83). Diz que: o docente é o principal responsável pelo trabalho com a leitura em suas atividades diárias com a sala de aula e na busca da influência dos alunos com o mundo da leitura. Para que desde cedo à criança possa levar hábitos de leitura para toda a sua vida, deve ser iniciado na sua infância.

Algumas considerações são necessárias quanto à questão da leitura. No contexto, pode ser ponderado à relevância da leitura na vida, numa perspectiva de futuro. Explicitando a importância de ler e saber interpretar e, para tanto, Solé (1998, p. 91) afirma que,

A situação de leitura mais motivadora também são as mais reais: isto é, aquelas em que a criança lê para se libertar, para sentir o prazer de ler quando se aproxima do cantinho de biblioteca ou recorre a ela. Ou aquelas em que, com um objeto claro, resolve uma dúvida, um problema ou adquirir a informação necessária para determinado projeto, aborda um texto e pode manejá-lo à vontade, sem a pressão de uma audiência.

Ao professor é atribuído, além da responsabilidade do ensino, o de conduzir o aluno a vontade de ler, ao hábito da leitura, ou seja, de ler por prazer. Ainda, o professor tem a necessidade de desenvolver mecanismos para que seus alunos consigam não só decodificar os escritos dos textos, mas principalmente que haja a compreensão da ideia transmitida por ele.

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social. Para isto, é necessário que o professor apresente uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

As dificuldades de aprendizagem apresentam-se corriqueiramente nas salas de aula, sendo necessário maior empenho e dedicação na realização das atividades educacionais. Na educação infantil é muito importante que em sala de aula e em atividades diárias, a criança tenha contato com livros de histórias infantis, materiais impressos, contação de histórias em áudio, entre outros e que essas atividades sejam realizadas pelo professor. Nessa perspectiva, Abramovich afirma, (2005, p. 16).

É muito importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias..., escutá-la é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

No processo de iniciação da leitura, o educando relaciona palavras com imagens, com a finalidade de encontrar um padrão entre elas. No início do processo, a tendência é que não entendam palavras que não correspondam ao som que pronunciamos na fala. A maioria dos educandos relacionam o processo de

aprendizagem leitora como a codificação e decodificação de símbolos gráficos.

A alfabetização, de acordo com Cagliari (1989), parte do princípio de que o aprendiz deve unicamente conhecer a estrutura da escrita, sua organização em unidades e seus princípios fundamentais, que incluiriam basicamente algumas das noções sobre a relação entre escrita e oralidade, para que possua os pré-requisitos, aprenda e desenvolva as atividades de leitura.

Para Cagliari (1989) o processo de aprendizado da leitura ultrapassa a mera codificação de decodificação, pois é um processo de atribuição de novos sentidos e significados, culminando na construção de sentidos que se relacionam intimamente com a prática social.

Em consonância com Cagliari, Abramovich, (2005), relata que a escola não se exime da característica de ser um agente transmissor de conhecimento e informações, no entanto leva toda a obrigatoriedade da transmissão desse currículo aos educadores, que se veem entrelaçados no processo de ensino-aprendizagem e da iniciação leitora.

O eixo básico para se trabalhar na educação infantil é a linguagem, contribuindo de forma bastante significativa para o desenvolvimento da criança para sua interação com o mundo. Segundo os RCNEI, (1998, p. 144), a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras.

Ainda nesse contexto, Abramovich, (2005), relata que se deve entender que a criança precisa ser estimulada diariamente para o hábito da leitura, para que no futuro ela possa se tornar um bom leitor, esse processo deve ocorrer através de pessoas do seu convívio, como em casa ou na escola. Para a criança, o momento de contar histórias lhe proporciona o conhecimento com o mundo, ou seja, como agir, pensar, viver e principalmente desenvolver sua fala.

Segundo Kramer (1989), o professor deve estar muito bem preparado para que o processo da leitura ocorra, ou seja, também deve ser um bom leitor, para que através dele a criança possa sentir prazer em ter contato com os livros que possam se desenvolver oralmente, descobrindo assim o quanto a leitura é importante para o seu aprendizado para com seu desenvolvimento com o mundo. Para o Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 43), uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

De acordo com a literatura a introdução da leitura e sua prática no dia a dia

promove o desenvolvimento de competências nas crianças como aprendem a sua vez para interagir, reconhecem a linguagem narrativa, reproduzem as histórias que escutam, fazem previsões sobre o final da história, aprendem a prestar atenção e imitam o modelo de leitura do adulto (ABRAMOVICH, 2005).

As crianças sentem tanto prazer em ouvir histórias que ficam atentas a cada detalhe que o professor conta, esperam o final da narrativa para começar a interagir, fazendo algumas perguntas e questionamentos sobre a continuação da leitura, depois elas começam a imitar o professor contando as histórias imaginárias para os colegas através das imagens que estão impressas no livro.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1988, p. 31), os principais objetivos para se trabalhar com leitura na educação infantil são:

Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as das outras pessoas, elaborar e responder perguntas; 2- Familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; 3- Escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; 4- Escolher livros para ler e apreciar.

Dessa forma, cabe ao professor como mediador nesse processo a responsabilidade de incentivar e motivar o hábito de leitura na criança mostrando que o ato de ler é algo bastante interessante. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997, P.40). A leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes que consiste em fazer uso desse artifício para atender a uma simples necessidade ou exercer atos complexos de cidadania.

Nesse sentido Abramovich, (2005) afirma que a leitura é muito importante e que as crianças precisam ter acesso a ela antes mesmo de entrarem na pré-escola, pois quanto mais cedo elas tiverem contato com essa prática, maior é a possibilidade de termos leitores assíduos, tornando-se a criança um sujeito crítico na sociedade, ampliando cada vez mais seu conhecimento.

Ao considerar o professor como o profissional responsável pela da criança pequena em creches e pré-escolas, há um desafio de qualificar esse profissional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/96, em seu artigo 62, admite como formação mínima aquela oferecida em nível médio, na modalidade Normal para professores que atuam na educação infantil.

A formação de docente para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1988)

Atualmente a legislação ainda prevê o Curso Normal em nível médio como formação mínima para professoras de Educação Infantil, mas dada a complexidade dessa função, Kramer (1989) afirma, que se faz necessário formar um profissional capaz de reconhecer sua formação profissional e a diversidade existente nesse campo e, assim como os professores dos demais níveis de ensino, com capacidade para fazer valer sua vez e sua voz e construir a autoria de seu processo formativo. E que o processo de formação de professores consiste e um processo contínuo dentro e fora da escola.

Para que haja uma prática docente de qualidade é importante e necessário considerar dois aspectos, o da organização e o do planejamento, pois é o cotidiano na sala de atividades que sinaliza ao professor os acertos e erros. —Tratar dos aspectos organizacionais é, afinal, tratar das condições que devemos levar em conta para conseguir desempenhar uma tarefa educativall (KRAMER, 1989).

Sendo assim, é importante a formação desse professor que atua no ensino infantil, além disso é necessário que este profissional tenha habilidades para estruturar e organizar os espaços infantis de forma a favorecer interações entre as crianças e delas com os adultos, tornando presente a ludicidade no trabalho desenvolvido.

2.5 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) - ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao contar uma história pode-se humanizar as relações e formar laços e isso é comprovado com a presença das narrativas em toda a história da humanidade, caracterizando a busca de conhecimento e interação por meio da linguagem bem como a transmissão de conhecimentos.

A partir de uma narrativa contada com desenvoltura, esta pode estimular a imaginação, a fantasia e desenvolver o interesse pela leitura. Para Coelho (1991 p.12), a narrativa acalma, prende a atenção e a concentração, a criança torna-se mais sociável e educada, além de resolver vários problemas psicológicos [...] a

história é importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança [...].

Ainda em consonância com Coelho (1991), ao escutar as histórias as crianças conseguem lidar com os problemas que as afligem como constata Bettelheim, 1985:

Escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência do mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam – na a lidar com problemas que a primem (BETTELHEIM,1985, p.74).

Esse momento tão prazeroso para a criança, torna-se mais significativo quando a mesma ao final da história opina, compara, relata, opõe-se, dialoga com a história tanto a partir das ilustrações quanto do próprio texto. Segundo Bettlheim (1980), para que uma história prenda a atenção das crianças, essa história deve não somente entretê-las, mas despertar a curiosidade. Porém para enriquecer a vida destes, deve estimular-lhes a imaginação, ajudando desenvolver seu intelecto e tornar claras suas aspirações.

Na BNCC na fase da Educação Infantil, sem configurar com a denominação de alfabetização, mas a ideia de alfabetização e letramento está presente na Educação Infantil, com o campo nomeado escuta, fala, pensamento e imaginação que constitui um arranjo curricular de experiências e saberes da criança voltados para a comunicação.

Para o campo da fala, do pensamento e da imaginação, o documento traz alguns tópicos que explanam o que se espera da aprendizagem das crianças neste estágio. São exemplos:

1. Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão;
2. Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas;
3. Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história;
4. Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto

e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc. (BRASIL, 2017, P. 40)

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017), é a partir desse campo de experiências que trabalha a aproximação da criança com a linguagem verbal e se desenvolve cognitivamente, brincando com outros colegas se desperta para a imaginação, fantasia, desejo de aprender, observando e experimentando se questiona na construção dos sentidos naturais e sociais.

Para auxiliar a aprendizagem das crianças nesse campo de experiências, Abramovich (2005) enfatiza o quão importante é que se conte histórias para as crianças, pois ao ouvir e comentá-las, essas ações poderão formar um bom leitor com conhecimento de mundo. Segundo ela, a contação de histórias tem importante papel no desenvolvimento intelectual dos pequenos. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada, ela torna-se mais comunicativa na interação com o narrador e com seus ao esforçar-se para recontar as histórias ouvidas. A criança que houve histórias todos os dias, através da contação, se concentra mais sobre o enredo entendendo melhor a narrativa uma vez que predomina o discurso direto. Contudo, é imprescindível mostrar o livro para as crianças após uma contação, ou intercalar momentos em que as histórias são lidas, para que elas percebam que aquela narrativa saiu de dentro de um livro e que este possui um autor, estimulando e despertando seu interesse para buscar novas histórias e novos livros.

O professor sendo mediador entre o livro e o leitor, além de oportunizar que o livro fique em lugar de fácil acesso para a criança, ao escolher uma história para contar, deve levar em conta alguns aspectos relevantes como afirma Coelho (1991):

Podemos perceber que se a criança tiver um contato com a literatura infantil desde os seus primeiros anos de vida, criar, desenvolver o gosto pela leitura, ela deixará de ser tão egocêntrica, de querer tudo para si. Nem toda história, vem no livro pronto para ser contada. É preciso fazer uma seleção e levar em conta, em outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas. Se a história não despertar a sensibilidade, a emoção nos ouvintes não será ouvida com sucesso e atenção. (COELHO, 1991, p. 13).

Portanto ao preparar este momento de leitura ou contação de histórias, o professor deve estar atento à aspectos importantes para que este momento seja significativo e desperte emoções nos ouvintes. Para tal este deve levar em conta a faixa etária do público ouvinte para escolher obras que sejam adequadas. Assim a

Base Nacional Comum Curricular orienta.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC – Base Nacional Comum Curricular - Brasil, 2017, p. 41).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), as aulas democráticas se fazem necessárias na Educação Infantil, a criança precisa dessa participação, ouvindo e falando, essas ações desenvolvem na criança a curiosidade, ao contar uma história. O momento posterior a história pode ser explorado também, o narrador pode solicitar que os alunos comentem sobre a história, assim provocando o interesse pela descoberta.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa utilizada neste estudo foi estudo de caso exploratório e descritivo fundamentado em uma abordagem qualitativa com recursos de gráficos quantitativos, pois possibilita uma análise mais completa dos dados, uma vez que uma abordagem completa a outra e expressam dimensões distintas dos fenômenos estudados. De acordo com os autores Grácio e Garrutti (2005, p. 119) as quantificações fortalecem os argumentos e constituem indicadores importantes para análises qualitativas. Esse método também nos permite complementar e enriquecer as análises e discussões finais (MINAYO, 1997).

3.2 LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em quatro creches públicas no Município de Presidente Kennedy-ES, vale ressaltar que no Município de Presidente Kennedy existem apenas as quatro creches. Este localiza-se no extremo sul do estado a uma latitude 21°05'56" sul e a uma longitude 41°02'48" oeste estando a uma altitude de 55 metros (Figura1). Sua população estimada em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 11 658 habitantes e possui uma área de 594,897 km². Presidente Kennedy é uma das cidades menos populosas do Espírito Santo, porém com o maior PIB per capita do país (R\$ 583.171,85), em grande parte devido a explorações em alto mar da chamada camada pré-sal no Oceano Atlântico pela Petrobras e outras empresas do ramo (IBGE, 2020).

Figura 1 - Recorte do Mapa do Estado do Espírito Santo, em vermelho está a Localização de Presidente Kennedy/ES.



Fonte: IBGE (2020)

O estudo foi realizado nas quatro Creches Municipais de Presidente Kennedy-ES. Estas creches estão distribuídas: 1 na área da região urbana, CMEI MENINO JESUS, localizada no Centro de Presidente Kennedy e 3 na área rural do município sendo elas, CMEI BEM-ME-QUER, localizada no Bairro Boa Esperança-Comunidade Quilombola, CMEI LIANE QUINTA, localizada no Bairro Marobá e CMEI SANTA LÚCIA localizada no Bairro Santa Lúcia.

Os Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) possuem características comuns como: uma ampla área externa, onde são desenvolvidas diversas atividades

com as crianças, como o banho de sol que ocorre diariamente; a aplicação de atividades pedagógicas de forma lúdica, com a implementação de brincadeiras, cuja finalidade é desenvolver os aspectos cognitivos da criança e sua socialização; e atividades de Educação Física, que contribui para o desenvolvimento motor das crianças.

No pátio das creches, também contém um parque para as crianças desenvolverem atividades lúdicas. Na área externa das creches, também contém uma horta para fins de consumo de alimentação das crianças e dos funcionários.

A estrutura física das instituições é composta por uma área administrativa que contém uma recepção, uma sala de direção escolar, uma sala do pedagogo, uma sala de secretaria escolar e uma sala de professores, para realização de planejamento pedagógico; além disso, possui uma área reservada para cozinha, onde são preparadas todas as refeições das crianças; um refeitório e; três banheiros, sendo um para professores e dois para atender aos alunos.

Em relação às salas de aula, os Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), possuem salas para atender aos alunos do berçário e maternal. As salas possuem um banheiro, com trocador e dois chuveiros, para auxiliar no banho dos bebês.

Em cada sala há uma pia e uma bancada de granito para auxiliar no cuidado com as crianças. Convém destacar que, todos os Centros de Educação Infantil possuem um espaço reservado para lazer das crianças. Os prédios ainda contam com dois banheiros para uso dos professores, sendo um feminino e um masculino. As creches possuem na parte externa, uma lavanderia para realizar as lavagens das roupas de cama e banho da escola, que conta com uma área disponível para secagem da roupa, mesa com bancos e uma dispensa, onde contém máquinas de lavar, tanquinhos e máquina de secar, e um banheiro para uso dos funcionários.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram oito professoras que atuam na Educação Infantil em turmas de Maternal II (3 anos a 3 anos e 11 meses) em quatro creches do município de Presidente Kennedy-ES. Cada Creche possui dois professores por turma de maternal II, dando um total de oito professoras, sendo duas professoras efetivas e seis professoras em Designação temporária (DT). O quadro 1 exemplifica

a distribuição das professoras de acordo com a instituição de ensino.

Quadro 1 - Distribuição das professoras participantes da pesquisa de acordo com a unidade de ensino as quais serão identificadas por CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil).

CMEI	Nº de professores Maternal II	Nº de professores Efetivos	Nº de professores (DT)
CMEI BEM-ME-QUER	02	01	01
CMEI MENINO JESUS	02	0	02
CMEI LIANE QUINTA	02	0	02
CMEI SANTA LÚCIA	02	01	01
Total	08	02	06

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

É importante destacar, ainda, que a seleção das participantes seguiu os seguintes critérios: tempo mínimo de três anos de experiência em sala de aula, lecionar em turma de maternal II das creches e que aceitaram participar do estudo. Este tempo de experiência foi escolhido por considerar um tempo suficiente para que o professor conheça a dinâmica escolar.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi submetida à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) através da Plataforma Brasil, ficando registrada sob o número 54243321.0.0000.8207 e recebendo no dia 16 de dezembro de 2021 a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Vale do Cricaré – FVC, Objetivando cumprir com todos os requisitos éticos para a realização desta pesquisa, além do TCLE (Apêndice E), foi necessário a utilização do Termo de Autorização da instituição coparticipante (Apêndice A). Este termo foi assinado pela Secretária Municipal de Educação de Presidente Kennedy-ES, a senhora Fátima Agrizzi Ceccon (Apêndice A).

A coleta foi realizada somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa respeitando as diretrizes e critérios estabelecidos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A identificação das docentes foi preservada ao longo do estudo.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada utilizando dois instrumentos distintos. Inicialmente foi aplicado um questionário semiestruturado e posteriormente foi realizada uma roda de conversa com as docentes.

O primeiro instrumento de coleta de dados consistiu na aplicação de um questionário (Apêndice C) com perguntas abertas e fechadas, direcionadas as professoras das instituições de ensino, a fim de verificar a percepção destas quanto à prática da leitura dos alunos, e do desenvolvimento dos alunos frente a realização de atividades que impulsionem o desenvolvimento da linguagem através da contação de Histórias no cotidiano escolar.

Ao todo o questionário apresentou 18 perguntas as docentes, sendo 10 perguntas abertas e 08 fechadas. O instrumento abordou tópicos de caracterização pessoal e profissional das docentes. As questões discursivas abordaram a percepção das docentes sobre o uso da contação de história na Educação Infantil.

Os tópicos do questionário versavam sobre a identificação dos sujeitos, a saber, formação, tempo que leciona na educação infantil, tempo de magistério e instituição (ou instituições) em que trabalha. Já as 10 questões abertas foram propostas para avaliar a visão e os sentimentos dos professores sobre o uso da contação de histórias na Educação Infantil.

A utilização de questões discursivas permite a livre explanação dos sujeitos a respeito dos tópicos que lhes foram propostos. O questionário foi elaborado no Google Forms e disponibilizados aos docentes por meio do link: <https://forms.gle/aG44tR8pGg3vRATX9>. Tais procedimentos foram necessários devido à pandemia de COVID19 que se instaurou no mundo.

Também se empregou como instrumento de coleta de dados a realização de uma roda de conversa (Apêndice D). A roda de conversa prioriza discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro (AFONSO e ABADE, 2008).

Primeiramente foi enviado via e-mail um convite as 8 (oito) professoras regentes das turmas de Educação Infantil em creches no município de Presidente Kennedy-ES.

A roda de conversa com as oito professoras foi realizada através de chamada de vídeo pelo Google Meet, a seleção das participante foi mediante a um sorteio aleatório a fim de garantir maior diversidade dos grupos, foi realizado um sorteio com as oito professoras, com intuito de formar dois grupos de quatro professoras, com data e horário previamente agendado com as professoras.

Assim a roda de conversa aconteceu no dia 01/04/2022 no horário de 18h30min; com 4 professoras, dia 15/04/2022 com as outras quatro professoras no horário de 19h30min a distribuição dos dias e horários foi de acordo com a disponibilidade das professoras em colaborar com a pesquisa.

Essa roda de conversa teve como objetivo principal compreender como as professoras desenvolvem a Literatura Infantil e a Contação de Histórias no cotidiano escolar nos CMEIs onde trabalham, identificar coletivamente quais métodos podem contribuir para a produção de práticas educativas no que tange o saber contar histórias e analisar quais práticas educativas contribuem para a formação de leitores na Educação Infantil especialmente nas turmas do maternal II.

A fim de orientar o desenvolvimento e atingir os objetivos propostos no presente estudo foi desenvolvida uma ficha contendo as questões norteadoras da roda de conversa (APÊNDICE D).

Nesta etapa, foi conversado com as profissionais e posteriormente avaliado de acordo com as respostas e considerações de cada participante. As seguintes temáticas foram abordadas com as professoras: a importância da literatura infantil para a profissional e para o dia a dia escolar, estratégias utilizadas pelas docentes para a contação de história, os recursos disponíveis para esta prática e como isso acontece na sua instituição de ensino, existe a implementação de capacitação continuada dos docentes para esta prática, quais são as ações de ensino e aprendizagem que podem ser trabalhada com este público infantil, a contação de história realizada pelas docentes se relaciona com os conteúdos da série do discente e por último foi solicitado as docentes que apontassem sugestões e ou apontamentos para que integrasse a construção do E-book Guia para professores: Estratégias de contações de histórias na Educação Infantil, que foi elaborado como o objetivo de contribuir com a prática de contação de história no Ensino Infantil.

As rodas de conversa foram gravadas, transcritas e discutidas a luz do referencial teórico com base na descrição compreensiva. A opção pela descrição compreensiva baseia-se nos procedimentos metodológicos propostos por Giorgi

(1985).

A análise da Roda de conversa foi dividida nas seguintes etapas: transcrição da gravação mantendo a linguagem da expressão dos participantes; transformação destas falas em linguagem científica, consistente com o fenômeno pesquisado.

A roda de conversa foi realizada utilizando o aplicativo Google Meet, a fim de levantar dados sobre a leitura/contação de histórias na Educação Infantil com duração de 60 minutos.

O roteiro da conversa foi organizado a partir das teorias de Solé (1998), Giroto e Souza (2010) e Abramovich (1995) que enfatizam o caráter comunicativo de leitura e estratégias de leitura em sala de aula.

Ao dar início à roda de conversa foi realizada a apresentação das participantes e dado as boas-vindas, seguido da apresentação do tema em questão. A pesquisadora explicou sobre a literatura infantil e a contação de história e sua importância na motivação da aprendizagem das crianças, evidenciando que essa prática pedagógica desperta a imaginação, desenvolve a leitura, a escrita e a oralidade entre as crianças.

As sugestões e contribuições das docentes foram utilizadas para a elaboração do ebook, (APÊNDICE F), como produto educacional dessa dissertação foi produzido um guia para professores do ensino infantil contendo uma sequência didática norteando a prática da contação de história. As atividades foram elaboradas como desdobramentos da roda de conversa a partir do livro — Uma casinha lá no alto, do autor capixaba Ilvan Filho, sugerido pela pesquisadora com base nos objetivos da BNCC de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil:

3.6 HABILIDADES BNCC EDUCAÇÃO INFANTIL: CRECHES-CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS: ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO.

(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.

(EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.

(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).

(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.

(EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.

(EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.

3.7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise das perguntas fechadas do questionário foi apresentada em tabelas e gráficos, já as questões abertas foram organizadas e classificadas de acordo com o questionamento aplicado nas docentes. Os dados coletados através da roda de conversa foram organizados e transcritos em tabelas constituindo os resultados da pesquisa.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

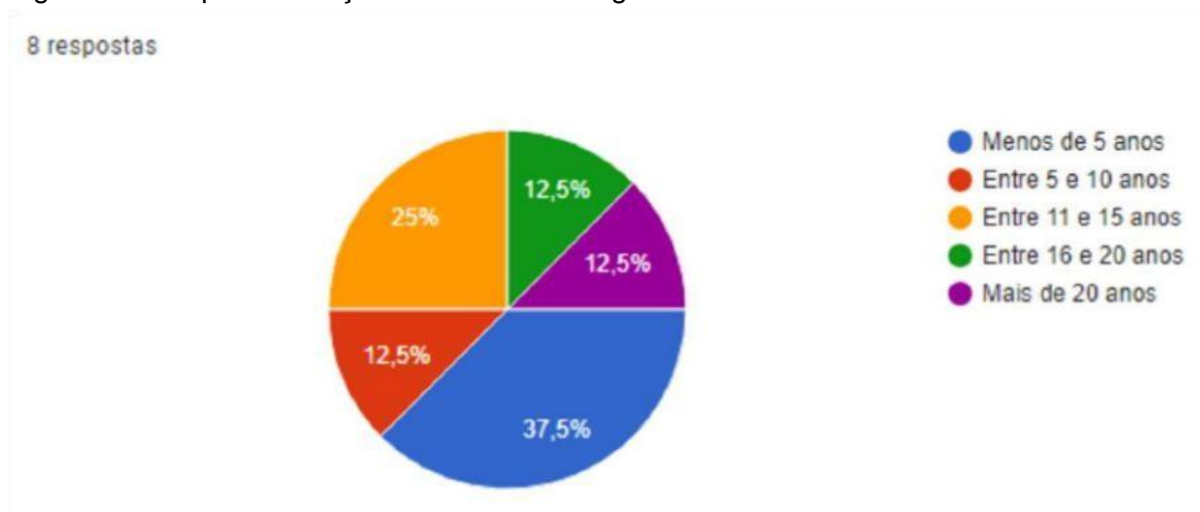
Este capítulo apresenta os resultados provenientes da pesquisa qualitativa que foi aplicada em forma de questionário semiestruturado através de um formulário digital Google Forms e roda de conversa online via Google Meet com as professoras regentes das turmas do Maternal II de quatro Creches Municipais no município de Presidente Kennedy-ES. A amostra foi composta por 8 professoras das Creches, CEMEI —Bem-Me-Quer; CEMEI —Liane Quintall; CEMEI —Menino Jesus; CEMEI —Santa Lúcia, de Presidente Kennedy- ES. Para uma melhor apresentação dos resultados obtidos, optou-se por dividi-los de acordo com o perfil da amostra e as atividades.

4.1 AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AS DOCENTES

4.1.1 Avaliação do perfil profissional da professoras

A primeira questão do questionário abordou o tempo de atuação na educação das professoras entrevistadas. De acordo com a pesquisa 37,5%, ou seja, três professoras responderam que lecionam menos de cinco anos, 25%, assim duas professoras lecionam entre onze e quinze e as três 12,5% professoras restantes responderam que lecionam entre cinco a vinte anos. Como apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Tempo de atuação na docência em geral.



FONTE: Elaborado pela autora, a partir dos dados coletados na pesquisa (2022).

Os dados apontam que 37,5 das docentes estão iniciando sua trajetória no ensino infantil é entender a função pedagógica da Educação Infantil como de suma importância para os professores atuantes. De acordo com os estudos do autor Mendes, (2009) isso não é preocupante porque os professores mais experientes trocam informações e capacitações podem ser realizadas para capacitar esses profissionais.

Para Oliveira (2005) no contexto da Educação Infantil deve-se valorizar o profissional e qualificá-lo para sua atuação docente, e o professor deve ser estimulado na sua prática educativa. Isto exige investimentos emocionais, conhecimento teórico-pedagógico além de um comprometimento com o ensino aprendido da criança em suas fases e especificidades educativas.

Ainda sobre o tempo de atuação docente Huberman ((1992) descreve uma organização da carreira docente em cinco fases, todas elas estão ancoradas na experiência que o professor vai adquirindo ao longo da carreira, primeira delas, denominada de Fase de início da carreira, é marcada pela fase da sobrevivência e o do entusiasmo. Ela geralmente acontece até os 3 primeiros anos de exercício da profissão, em seguida, temos a fase da estabilização, que vai dos 4 aos 6 anos de carreira. Como o próprio nome diz, neste momento o professor já mobilizou um repertório suficiente de saberes que lhe darão mais segurança. Em resumo, duas palavras servem para caracterizar esse momento: estabilização e consolidação.

A Fase de experimentação e diversificação, acontece dos 7 aos 25 anos de carreira. Por ser um período extremamente longo, cerca de 18 anos de experiência, dentro de uma mesma fase, ela é repleta de interrogações, reflexões e busca de diversificação, que são advindas, levando em consideração os erros e os acertos que o professor vai obtendo ao longo dos anos. A fase de serenidade e conservantismo, é o período que vai dos 25 aos 35 anos de docência. Neste momento, o professor apresenta uma tendência a ter dificuldade em modificar suas práticas, uma vez que elas já estão consolidadas. A Fase de desinvestimento/preparação para a aposentadoria, é um período mais curto, dura apenas 5 anos. Está localizada entre os 35 e 40 anos de docência. É o momento de lidar com o final da carreira.

Huberman (1992) mostra que, além dos perfis apontados acima, pode também ser observada a indiferença, advinda daqueles profissionais que escolheram a profissão a contragosto; a serenidade, ou até mesmo a frustração,

causadas pelo excesso de encargos apresentados pela profissão.

O equilíbrio entre os desafios e oportunidades presentes no espaço escolar é algo que professor deverá buscar dentro de si mesmo e também na relação com os colegas de trabalho e com os alunos. Guarniere (2005, p. 9) ressalta que uma parte da aprendizagem da profissão docente só ocorre e só de inicia em exercício [...] o exercício da profissão é a condição para consolidar o processo de tornar-se professor.

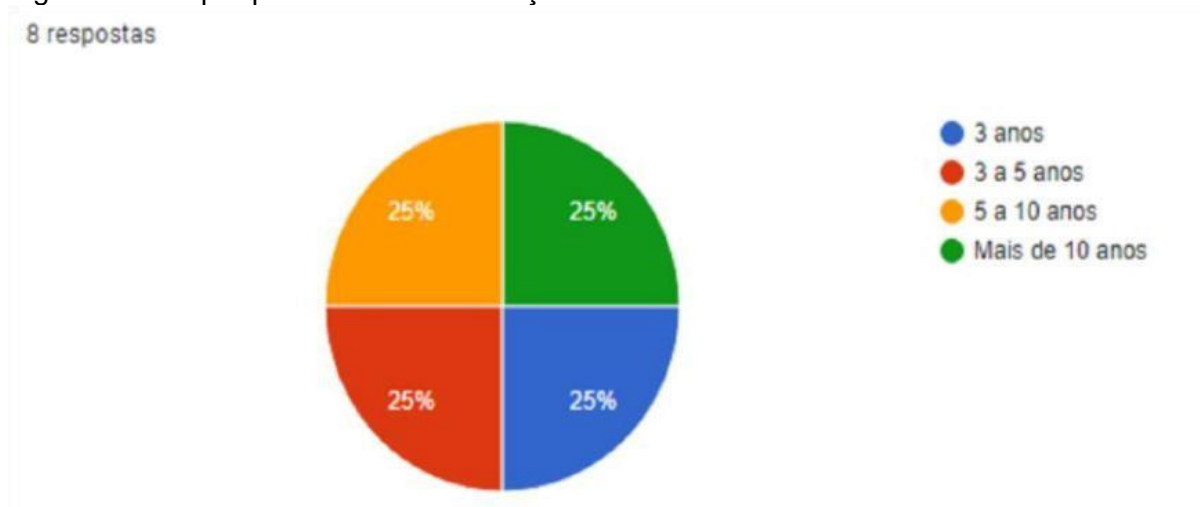
Nessa perspectiva, é na prática do dia a dia que o professor irá incorporar o seu papel, é através da superação dos obstáculos que sua experiência profissional será construída e dará suporte para sua atuação ao longo da carreira. A construção de conhecimentos é um processo contínuo, a educação qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática (FREIRE, 1996).

Freire considera dois aspectos importantes para experiência profissional é a relação entre teoria e prática. A respeito disso, registra que a [...] reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria-Prática sem a qual a teoria pode virá uma discussão vazia e a prática, ativismo (FREIRE, 1996. p.166).

Retomando o diálogo com os dados da presente pesquisa, outra questão abordada foi a Formação acadêmica das professoras, sendo a resposta apresentada na Figura 3. As oito docentes são graduadas, seis docentes possuem Pós-Graduação Lato Sensu e duas docentes possuem Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado ou Doutorado.

A análise do tempo de atuação das professoras na educação infantil (Fig.2) indicou que das oito docentes entrevistadas, duas (25%) tem 3 anos de atuação na Educação Infantil, duas (25%) tem entre três e cinco anos, duas (25%) entre cinco e dez anos e outras duas (25%) têm mais de 10 anos atuando no Ensino Infantil. Neste contexto, sabe-se que a interação, a troca de experiências, o estímulo, a apropriação dos diversos conhecimentos na Educação Infantil, são fundamentais para garantir à criança o seu desenvolvimento e conseqüente formação integral como ser humano.

Figura 3 - Tempo que leciona na Instituição de Ensino Infantil

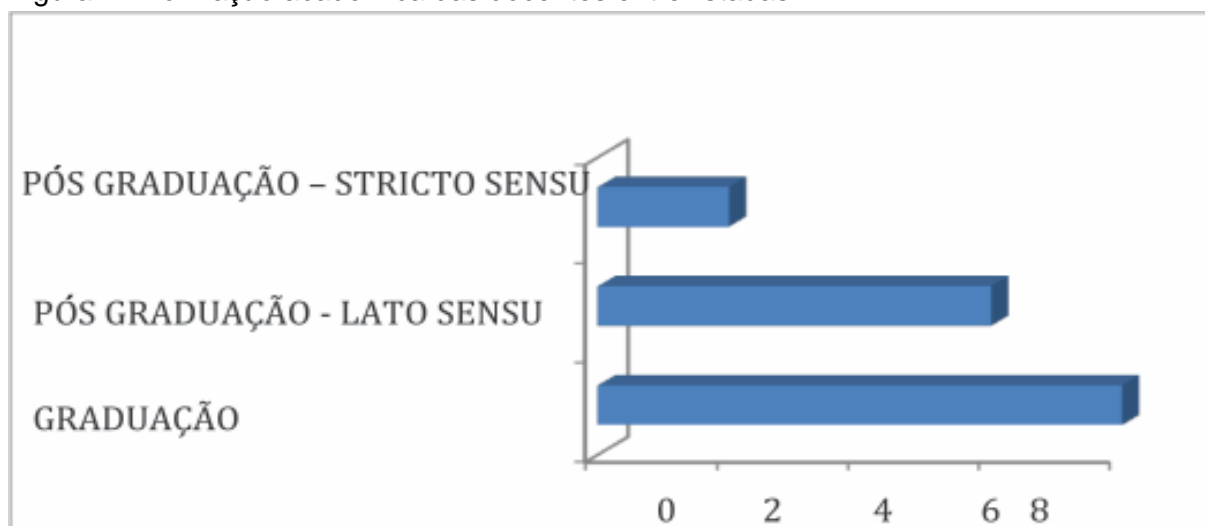


FONTE: Elaborado pela autora, a partir dos dados coletados na pesquisa(2022).

Os motivos que levam à escolha ou não para atuar na Educação Infantil são diversos. Ao serem questionadas sobre quanto tempo lecionam na Educação Infantil, dessas oito colaboradoras, duas tem três anos de experiência na Instituição de Ensino Infantil, duas tem de três a cinco anos, duas de cinco a dez anos e outras duas possuem mais de dez anos.

Segundo Pimenta (1999), a identidade das professoras que atuam nessa etapa educativa acaba por ser influenciada pelas determinantes históricas desse processo social, e que contemplam questões ligadas aos vínculos estabelecidos, ao comprometimento ético-político- pedagógico e a necessidade de formação com a faixa etária.

Figura 4 - Formação acadêmica das docentes entrevistadas



FONTE: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Os dados evidenciam que as docentes estão num processo contínuo de capacitação, outra consideração pertinente é o fato de todas as docentes possuírem nível superior. De acordo com Castro (2010, p. 11) o processo de construção da profissão docente é contínuo e ocorre a medida em que o professor vai articulando a formação inicial, a experiência profissional, a cultura escolar e a prática reflexiva.

Contudo, o dado apresentado neste estudo descreve um diferencial que pode contribuir na qualidade do processo educativo. Vale ressaltar que o município de Presidente Kennedy investe no Programa do Desenvolvimento da Educação Superior e Técnico (PRODES), com bolsas de estudos para cerca de 900 kenedenses nas faculdades dos municípios vizinhos, além de pós graduação e mestrado.

É válido destacar que a pós-graduação *stricto sensu* em Educação ofertado pelo Programa do Desenvolvimento da Educação Superior e Técnico (PRODES), impulsiona professores e profissionais motivando-os pelo ideal de desenvolver a vida acadêmica, a produção científica e a prática profissional com fundamentos teórico- metodológicos também construídos no interior do exercício acadêmico e profissional.

4.1.2 Análise da percepção dos professores sobre a prática da contação de história em sala de aula.

Neste tópico foi abordado a percepção das professoras sobre sua prática docente de contação de história. O primeiro questionamento abordou a percepção das professoras sobre o interesse do aluno no momento da contação de história. A Figura 5 evidencia que 100% das entrevistadas relataram que os alunos demonstram interesse durante esta prática.

Figura 5 - Percepção das professoras sobre o interesse dos alunos durante a contação de história



FONTE: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

As crianças adoram o momento em que o professor conta histórias, já que podem soltar a imaginação, conhecer personagens, se envolver com a trama e, com isso, até dialogar com o professor e entender melhor os próprios sentimentos.

O diálogo entre o professor e os alunos começa não quando esses já estão em uma situação de sala de aula, mas "quando aquele se pergunta sobre o que vai dialogar com estes" Freire (1996). Isso ocorre porque a educação, sendo um diálogo, requer tanto a participação dos alunos quanto a do professor, e é aí que entendemos a importância dos temas geradores para o interesse dos alunos na sala de aula.

Por essa razão, o ponto principal na hora de contar histórias é saber despertar emoções. Dessa forma, é possível afirmar que contar histórias é uma arte, pois quem conta deve sentir e dar prazer e deve criar uma fonte de alegria e encantamento. A prática de contar histórias tem como objetivo aproximar os alunos de práticas literárias despertando em cada um o gosto pela leitura, além disso, provoca nos alunos prazer, amor à beleza, imaginação, poder de observação, amplia as experiências, gosto pelo artístico, a estabelecer ligação entre fantasia e realidade.

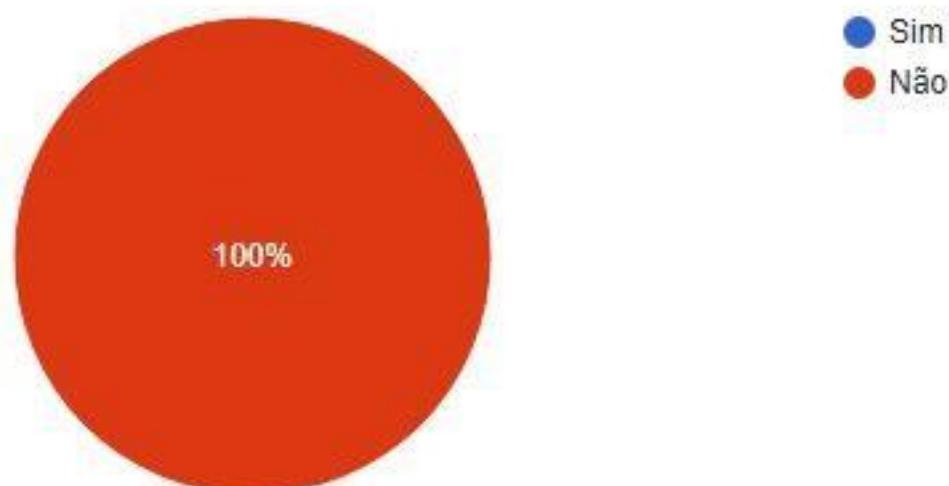
É Contando história para a criança, estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico (BUSATTO, 2003, pag. 12).

Na Educação Infantil a contação de história deve ser valorizada porque o aluno está no processo de formação, sendo importante incorporar o estímulo a

leitura nos hábitos deste discente. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico (BRASIL, 1998).

É importante destacar que as crianças no ensino infantil devem brincar na escola, mas é possível com brincadeiras e leituras orientadas pelo professor estimular o desenvolvimento social, motor e cognitivo¹⁰ destes educandos. Buscando, ainda, conhecer a prática das professoras, foi indagado as participantes sobre as principais dificuldades em trabalhar a leitura com as crianças em sala de aula, sendo as respostas apresentadas na Figura 6.

Figura 6 - Dificuldades em trabalhar a leitura com as crianças em sala de aula.



FONTE: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Os dados apresentados na Figura 6, evidenciam que 100% das professoras entrevistadas não apresentam dificuldade de trabalhar a leitura em sala de aula. Sabemos que nem sempre a contação de história é uma prática muito estimulada e valorizada, segundo Amarilha (1997), partindo do próprio professor esta falta de interesse com atividade sem significados levando as crianças a crescerem com essa desvalorização dos contos. Os professores podem revalorizar a contação de histórias, mostrando que isso é muito importante no desenvolvimento da criança. Amarilha (1997) debate a importância da literatura na formação cognitiva, linguística,

¹⁰ Por Antônia Lúcia, Jéssica Almeida e Richard Günter Fontes: Educa Mais Brasil, Estadão, Amber, Portal MEC, Ministério da Educação, Ministério da Cidadania.

comunicativa e psicológica da criança. Afirmando ainda a necessidade de implementar práticas pedagógicas prazerosas e regulares, como contar e ler textos dos contos de fadas, para garantir uma relação escolar bem-sucedida, visto que a leitura é ferramenta instrumental na cultura brasileira.

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério (BUSATTO, 2008, p.45). Na arte de contar histórias há uma cumplicidade entre a história e o ouvinte.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nelase descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 2001, p.18).

Foi avaliado a motivação das professoras em despertar a contação de história em sala de aula (Quadro 2). As docentes afirmam que a utilização esta prática auxilia a aprendizagem dos discentes, estimulando diversas competências como a oralidade, imaginação e a discussão entre pares. Além de estimular a formação de novos leitores. Para provocar e estimular esses inúmeros benefícios o momento da contação de história deve ser previamente pensado pelo docente e visar alcançar objetivos já estabelecidos e não ser usado somente para uma distração dos alunos.

Quadro 2 - Motivação das docentes para contação de histórias para as crianças.

Participantes	Como professor da educação Infantil, o que o motiva a despertar a contação de histórias para as crianças?
Professora 1	Ao ouvir ou ler uma história, a criança pode fazer associações com suas próprias vivências. Isso me motiva a contar mais e mais histórias.
Professora 2	O que me motiva é durante o momento de contação, as crianças são incentivadas e se sentem motivadas a compartilhar suas opiniões, seus pensamentos e as vivências relacionadas ao que ouvem.
Professora 3	Apesar de parecer simples, a atividade de contação de histórias contribui para o desenvolvimento infantil integral.
Professora 4	Ver a alegria das crianças, compartilham suas opiniões, seus pensamentos e as vivências relacionadas ao que ouvem.
Professora 5	Ao escutar uma história, os pequenos exercem e aprendem habilidades, além de vivenciar experiências divertidas e marcantes, que vão ajudar a construir seu imaginário.
Professora 6	Trabalhar com histórias na escola é um rico recurso para incentivar o interesse das crianças por qualquer assunto, assim como o gosto pela leitura.
Professora 7	A contação de histórias demanda participação ativa dos envolvidos, o que envolve

	tanto o locutor quanto os integrantes da audiência. Dependendo da dinâmica, é possível estimular as crianças a emitir opiniões entre uma frase e outra, bem como a responder questionamentos relacionados ao assunto.
Professora 8	As histórias são ótimas ferramentas para despertar a curiosidade dos pequenos, tanto que compõem parte das atividades da educação infantil.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 83) contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de história devem ser desenvolvidas com muito critério.

Amarilha (1997, p. 55) ressalta a importância dos enredos literários no desenvolvimento da criança, porque permite a estas trabalharem questões do imaginário e o mundo real. Para a autora:

A linguagem e os enredos literários proporcionam à criança possibilidade de sucesso em duas dimensões. Uma, que é a subjetiva, a criança pode viver no livro aquilo que mais lhe atrai, sem receio de ser assistida, principalmente, por um adulto e pode lidar com seus problemas em tempos e espaços que são todos seus; por outro lado, mantém-se relacionada ao real, ela tem consciência de que não deixa de ser leitor. Essa duplicidade de atividade intelectual familiariza a criança com o simbólico e com suas possibilidades intelectuais dando-lhe, portanto, autoestima e identidade psicológica e social. (AMARILHA, 1997, p. 55).

Para a realização da prática de leitura/contação de história na Educação Infantil, um dos principais instrumentos usados é o livro de histórias infantis. Com isso, buscando, ainda, saber sobre a prática pedagógica no desenvolvimento da leitura/contação de histórias, indagamos as participantes sobre o desenvolvimento da leitura nas atividades ministradas aos alunos.

Foi possível observar na Figura 7 que todas docentes trabalham o desenvolvimento da leitura nas atividades ministradas aos alunos e que já conhecem a potencialidade da cotação de história no desenvolvimento infantil.

Figura 7 - Trabalhar o desenvolvimento da leitura contação de história nas atividades ministradas aos alunos



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Esse resultado está de acordo com o que descreve Faria (2010), para o autor a contação de história contribui no desenvolvimento intelectual do discente, desperta interesse pela leitura e instiga a imaginação por meio da construção de imagens no mundo da realidade e ficção, atuando também no desenvolvimento comunicativo. Além disso, provoca a interação sociocultural da criança ao proporcionar a interação entre os alunos, cria laços sociais e estimula o gosto pela leitura.

É importante que professores valorizem a diversificação dos gêneros textuais apresentados a este discente, desta forma quanto mais diversos for maior e mais significativo será o desenvolvimento do aluno. De acordo Vygotsky (1987) para que ocorra o desenvolvimento intelectual na criança, está precisa estar conectada a linguagem, ou seja, é necessário que seja despertado nas crianças a vontade de expor suas ideias, imaginação e conhecimento através da linguagem oral. Ainda, Vygotsky (1987) enfatiza uma característica fundamental para desenvolvimento da oralidade, qual seja, entender que o raciocínio da conversação só se desenvolverá mediante a constante aquisição de conhecimento e contato com a literatura.

Em relação ao questionamento sobre o hábito de contar histórias em sala de aula. Todas as entrevistadas relataram que possuem o hábito de contar histórias em sua prática diária. A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias, pois é através dos livros e contos infantis que a criança enfoca a importância de ouvir,

contar e recontar. De acordo com Abramovich (2005, p.14), escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Neste sentido, a literatura infantil é uma peça fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, sendo que cada criança é um ser particular, cada uma possui suas dificuldades e limitações. Exercendo papel essencial na aprendizagem. No contexto da contação de histórias Fanny Abramovich (2005, p. 24) menciona que "O livro da criança que ainda não lê é a história contada":

Ouvir a história é se divertir, curtir, imaginar... É uma espécie de encanto, espetáculo, encantamento... A história também conta o livro de uma criança que ainda não leu. É (ou pode ser) um amplificador de referência, colocando poemas, causando inquietação, desencadeando emoções, suspense sendo resolvido, alegrias, sentimentos de desejo, memórias ressuscitadas, apontando novos caminhos, sorrisos brilhantes, bela alegria, mais de mil maravilhas, mais que uma boa história provoca... FANNY ABRAMOVICH (2005, p. 24).

A contação de histórias oferece aos alunos à oportunidade de responder à literatura e desenvolver suas próprias opiniões sobre o tópico. Isso fortalece o domínio do desenvolvimento cognitivo, pois estimula um pensamento mais profundo. A literatura de qualidade não diz ao leitor tudo o que ele precisa saber, permitindo que cada um imagine, deduza e leia em suas entrelinhas. Assim, um leitor pode tirar algo completamente diferente da literatura do que o outro, com base nos seus pontos de vista e experiências pessoais. Podem aprender a avaliar e analisar a literatura, bem como resumir e fazer hipóteses sobre o tópico (ZILBERMAN, 2005).

Além de contar histórias foi importante conhecer os recursos que estas docentes utilizam nesta prática. O quadro 3 aponta a transcrição das repostas das docentes.

Quadro 3 - Recursos pedagógicos utilizados para contar histórias.

Participantes	Quais os recursos pedagógicos você utiliza para contar histórias para seus alunos?
Professora 1	Leitura de imagens a partir de livros de literatura infantil e; Fantoques são recursos pedagógicos comuns nas Aulas Infantis, eu utilizo muito no momento de contar as historinhas.
Professora 2	Recurso de contação: são muitos os recursos utilizados, citarei apenas dois por ser mais usados por mim nas minhas aulas: Varal de histórias e Mala de histórias.
Professora 3	Fantoques: bonecos confeccionados em tecido, feltro, plástico, Leitura de

	imagens; entre outros.
Professora 4	Para boa contação de história, independente do recurso usado, sempre leio com atenção crítica as histórias antes de iniciar a contação. Assim eu já saberei em quais partes posso usar um recurso de entonação da voz ou que comentários poderá fazer durante a leitura para instigar a curiosidade das crianças. Escolho um ambiente tranquilo e confortável para o momento da história, para que as crianças se concentrem nessa.
Professora 5	Momento do cantinho de leitura, Propor momentos em minha rotina no qual o único objetivo é apreciar uma boa história. É importante que as crianças possam ver os livros como veículos para a imaginação e não apenas como algo que vem antes de um desenho ou um texto. E acabe por desgostar do momento da contação já pensando que depois terá uma tarefa sobre o livro.
Professora 6	Leitura de imagens: Uso a criatividade para montar as imagens a serem mostradas: imprimo colorido as páginas, ou construo as imagens com EVA, tecido etc.
Professora 7	O gosto pela leitura é motivado através de vários fatores: a curiosidade, o prazer, pelos sentimentos e emoções despertados, os recursos que utilizo é a roda de leitura.
Professora 8	Roda de histórias, com todos sentados em roda, conto a história, mostrando as ilustrações do livro para as crianças.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

De acordo com as respostas das docentes no quadro 3, foi possível observar a utilização de diversas metodologias para o momento da contação de histórias, os recursos citados pelas professoras evidenciam-se na oralidade com ênfase nas leituras de imagens, a prática de ler ilustrações é, além de muito divertida, essencial para o desenvolvimento do raciocínio lógico e da organização de ideias em sequência, além de fazer com que a criança se aproprie do vocabulário trazido pela história, enriquecendo o repertório de suas linguagens oral. Interessante que os métodos de contação de história citados pelas professoras apresentam a importância de impactar as crianças, pois quanto mais significativa a contação for para elas, mais desenvolverão vínculos com as personagens e a história, o que facilitará o enriquecimento do vocabulário, bem como a memorização de detalhes e pontos centrais da narrativa.

Os recursos utilizados para contações de histórias se constituem como importantes ferramentas na melhoria do processo de ensino e aprendizagem, ao passo que contribuem para a ação de mediação entre o professor, o aluno. Assim, são considerados materiais didáticos todo e qualquer instrumento utilizado em um procedimento de ensino.

Para Souza (2007, p.111), Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino- aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo

professor, a seus alunos. A variedade de recursos didáticos que podem ser utilizados é grande, principalmente para os professores contadores de histórias infantis.

Ainda enfatizando a importância dos recursos pedagógicos na contação de história, Abramovich (2005), descreve que estes influenciam na afetividade da criança: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e na aprendizagem intelectual.

A partir desse resultado, observamos que as docentes atribuem lugar a literatura infantil, podendo, a partir disso, reconhecê-la como sendo uma prática prazerosa para os seus alunos. E Solé afirma:

No ato de ler há objetivos diversos: estudar, informar, revisar um texto escrito pelo próprio aluno ou simplesmente pelo prazer. O professor necessita explicitar para a turma essas diferentes finalidades e trabalhar as modalidades próprias para cada uma delas. (SOLÉ, 1998, p.88).

Giroto e e Silva (2010) corroboram dizendo que o ensino de leitura realizado atualmente nas escolas está diretamente relacionado à concepção que o professor tem, ou seja, a maneira pela qual o professor planeja a atividade de leitura orienta todas as suas ações de ensino em sala de aula. Isso significa que a forma como o docente idealiza a ação educativa para o ensino de leitura irá fundamentar o modo como o mesmo propõe, dinamiza e avalia o ato de ler, dentro e fora da sala de aula.

As docentes foram questionadas sobre o benefício de contar histórias (Quadro 4.). As professoras identificadas pelo número 1 e 4 descrevem que a contação de história contribui para agregar as crianças em torno do assunto e desperta seu interesse, aumentando seus níveis de atenção em relação a leitura contada, já a professora 2 disse, que na contação de histórias a criança ouve e se diverte ao mesmo tempo em que aprende, o seu rendimento melhora significativamente, a professora 3 ressalta que ao contar história para a criança desperta sua curiosidade e interesse pelo mundo dos livros, promove emoção criando uma relação afetiva com ele. A criança incorpora na história e traz para a sua vida. Bettelheim (1980, p. 15) ressalta que:

característico das contações de histórias colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas

figuras são esboçadas claramente, e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos.

Quadro 4 - A transcrição da opinião das docentes sobre os benefícios de contar histórias para seus alunos.

Participantes	Na sua opinião, qual o benefício de se contar histórias para seus alunos?
Professora 1	Contar histórias contribui para agregar as crianças em torno do assunto e despertar seu interesse, aumentando seus níveis de atenção àquele conteúdo apresentado.
Professora 2	A criança brinca ao mesmo tempo em que aprende, o seu rendimento melhora significativamente.
Professora 3	Ao contar história para a criança desperta sua curiosidade e interesse pelo mundo dos livros, se emociona e cria uma relação afetiva com ele.
Professora 4	Quando contamos histórias desperta interesse no aluno, aumentando seus níveis de atenção àquele conteúdo apresentado, sendo benéfico transformar uma aula expositiva do meu planejamento em uma história.
Professora 5	Já está bem estabelecido hoje em dia o conceito de que o faz de conta é fundamental para que a criança se desenvolva em sua plenitude. E a leitura de histórias tem papel fundamental nisso, ler é um processo que envolve cinco dimensões mentais: neurofisiológica, cognitiva, argumentativa, simbólica e afetiva. Promovendo desenvolvimento integral na criança.
Professora 6	São muitos os benefícios, principalmente o cognitivo, o desenvolvimento integral é um processo interno, mas que pode ser observado e medido através das ações e da verbalização da criança durante a contação de histórias.
Professora 7	Contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança.
Professora 8	Desenvolvimento integral da criança.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Já as professoras 5, 6, 7 e 8, afirmaram que a contação de histórias promove o desenvolvimento cognitivo e integral na criança, o faz de conta é fundamental para que a criança se desenvolva em sua plenitude. E a leitura de histórias tem papel fundamental nisso, ler é um processo que envolve cinco dimensões mentais: neurofisiológica, cognitiva, argumentativa, simbólica e afetiva.

Para Abramovich (2005), ler histórias para crianças é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas ideias para solucionar questões - como os personagens fizeram é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto. De acordo com Abramovich (2005), a contação de histórias contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, e social, despertando a criatividade, imaginação e curiosidade de forma mais prazerosa.

Interessante ressaltar que o desenvolvimento integral da criança acontece quando o processo cognitivo e cultural anda juntos. Segundo a epistemologia

piagetiana e pós piagetiana citada por Cárdenas Páez (2011) o indivíduo ao receber o conhecimento e usar os conceitos aprendidos em outros contextos, modificando a sua estrutura cognitiva é um requisito fundamental da assimilação do conteúdo.

Dando prosseguimento, foi perguntado as professoras sobre vivência com as crianças no momento da leitura, de modo a compreender como o exercício do desenvolvimento da contação de histórias de forma lúdica na transmissão de conhecimentos como um poderoso estímulo à imaginação, o quadro 5 exemplifica a transcrição das respostas das docentes.

Quadro 5 - Vivência com as crianças no momento da leitura.

Participante	Como educador, você vivência com as crianças no momento da leitura?
<i>Professora 1</i>	Sim, é um momento mágico, nos transportamos no mundo das fantasias, é muito prazeroso.
<i>Professora 2</i>	Sim, entro na história, no mundo encantado da fantasia.
<i>Professora 3</i>	Sim, me transporto pelo mundo imaginário.
<i>Professora 4</i>	Sim, sempre, as histórias despertam a imaginação. A literatura permite viajar para outros lugares.
<i>Professora 5</i>	Sim. É uma maneira de estimular a convivência em grupo.
<i>Professora 6</i>	Sempre, ao contar histórias para as crianças antecipo para elas o superpoder, possibilitando que conheçam vários mundos diferentes através do imaginário.
<i>Professora 7</i>	Sim. Embarco no mundo imaginário da fantasia.
<i>Professora 8</i>	Sim. A leitura tem o poder de criar possibilidade de construção de narrativa para além da história dada e nos transporta para outro universo.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Analisando as respostas das docentes fica claro que a contação de história é momento de muita magia e fantasia, corroborando com a fala da professora 8, a leitura têm o poder de criar possibilidade de construção de narrativa para além da história dada e nos transporta para outro univers. O momento da leitura/contação de histórias é um objeto de informação e o professor é o mediador entre ele e seu aluno, estimulando a imaginação e o desenvolvimento da capacidade cognitiva, pois a história permanece nas ideias da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora, ABRAMOVICH (1995, p.86).

Ainda tecendo comentários sobre a leitura contação de história em sala de aula, foi questionado as docentes sobre o que priorizam no trabalho da cotação de história (Quadro 6). Todas as oito participantes responderam que buscam desenvolver a habilidade de leitura na contação de história em sala de aula,

adaptando as atividades de forma a fomentar o desenvolvimento da linguagem.

Quadro 6 - Leitura e contação de história em sala de aula

Participante	Quando você trabalha com a leitura contação de história em sala de aula o que procura priorizar?
Professora 1	Valorizo e priorizo a leitura literária através do livro infantil.
Professora 2	Priorizo os livros infantis com muita ilustração, ultimamente estou dando ênfase aos livros de autores regionais.
Professora 3	A literatura Infantil que tenha ilustrações, pois trabalho com crianças que ainda não sabem ler e através das ilustrações elas vão interagindo.
Professora 4	Leitura literária infantil ilustrada.
Professora 5	Leitura literária; contos infantis.
Professora 6	Os clássicos da literatura infantil.
Professora 7	Literatura literária infantil.
Professora 8	Livros com ilustrações.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Nesse mesmo aspecto, perguntou-se aos professores se eles costumam contar histórias para os alunos, visto que, a história como os contos ou as fábulas, por exemplo, são importantes práticas para o desenvolvimento da linguagem da criança na Educação Infantil, fomentando também o desenvolvimento da leitura. Assim, foi relatado pelas 8 professoras o hábito de contar história para os alunos em sala de aula dando ênfase aos livros literários.

Os Parâmetros Curriculares Nacional defendem o uso dos textos literários em salas de aula, por tratar-se de forma específica de conhecimento, e que possuem propriedades compositivas que precisam ser discutidas e trabalhadas no contexto escolar, e que tendem a trabalhar a imaginação da criança, a capacidade de compreender o real e o imaginário.

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens (BRASIL, 1998, p. 30).

Conforme as ideias propostas por Ferreira (2011), a interação do aluno com as imagens e representações gráficas certamente garantem um estímulo positivo, que proporciona uma motivação para que as crianças venham a desenvolver o interesse para o desenvolvimento da leitura, assim, a utilização dos livros literários é de fato uma proposta muito positiva a ser aplicada em sala de aula nas contação de

histórias.

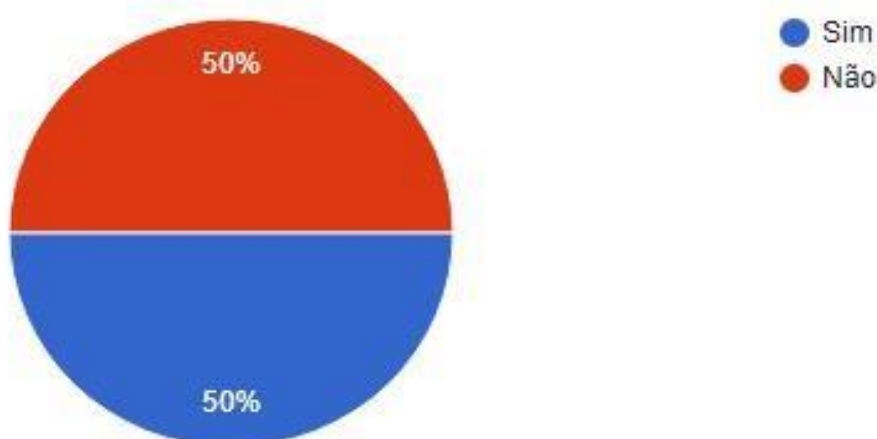
Outra consideração importante nas respostas das docentes foi a utilização de obras de literatura ilustrada. Assim, o livro passa a ser um objeto de informação e o professor é o mediador entre ele e o aluno, estimulando a imaginação e o desenvolvimento da capacidade cognitiva, pois a história permanece nas ideias da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora, ABRAMOVICH (1995, p.86)

A partir do contato com os livros, várias habilidades podem aflorar e serem trabalhadas nos alunos, como a criatividade, a imaginação, a apreciação e a percepção visual, contribuindo assim, para o desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças.

As docentes responderam sobre o ambiente e/ou momento propício para que os alunos desenvolvam o hábito pela leitura. Quando falamos no ambiente escolar propício a leitura, esse assunto é muito importante, principalmente pelo impacto que o ambiente de leitura da instituição de ensino pode gerar no processo de aprendizagem dos alunos. Por isso, é essencial que a escola esteja preparada para tornar o local mais saudável e, conseqüentemente, mais produtivo para todos.

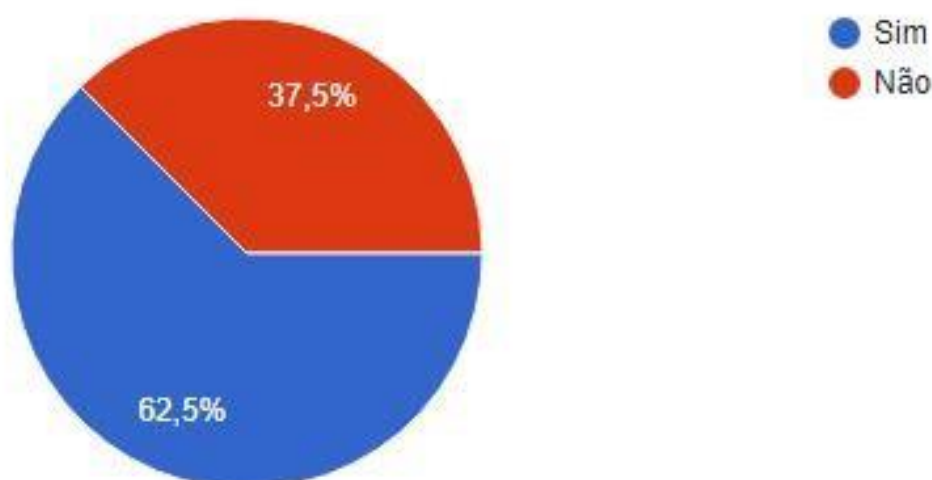
A figura 9 exemplifica a percepção das docentes entrevistadas. Foi percebido nas respostas das docentes que 50%, das creches possuem ambientes ou momentos para desenvolver o hábito da leitura e outros 50% não possuem ambientes ou momentos propício para momento da leitura/contações de histórias.

Figura 8 - Ambiente e/ou momento propício para que os alunos desenvolvam o hábito pela leitura.



Analisando a capacitação das professoras na prática da contação de história. Ficou evidenciado na figura 9 que 62,5 % das docentes tiveram capacitações e 37,5% não realizaram capacitações nesta prática.

Figura 9 - Curso de capacitação para a contação de história.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

De acordo com os dados para este grupo de docentes é importante a capacitação contínua na educação infantil. A capacitação dos professores de educação infantil é algo que está sempre em constante evolução, ou seja, o professor necessita buscar por novos aprendizados, para aperfeiçoar-se cada vez mais na sua formação pedagógica na escola.

As docentes foram questionadas sobre o efeito da pandemia de COVID-19 na aprendizagem da leitura (Quadro 7). Foi possível observar nas respostas das docentes que o ensino durante a pandemia foi um desafio. Outras questões descritas foram a quantidade de conteúdo a ser ministrado, a dificuldade de acompanhar a leitura desses alunos por vídeo aulas, porém de forma geral as professoras concordam e valorizam a leitura.

Quadro 7 - Efeitos da pandemia de COVID-19 na Educação.

Participante	<i>É inegável os efeitos da pandemia de COVID-19 na educação. Qual a sua percepção sobre o ensino da leitura neste período?</i>
Professora 1	<i>O incentivo à leitura em meio a uma pandemia não foi nada fácil. Por uma questão de planejamento curricular: há muito conteúdo a ser passado, então deixamos os livros literários para outro momento.</i>
Professora 2	<i>Foi muito complicado, nas aulas online a leitura era feita através de vídeo aula, no momento da leitura, tinha que ir apontando com o dedo onde se está lendo, para que a criança pudesse ir percebendo que tudo que é lido está escrito.</i>

<i>Professora 3</i>	<i>Desde o começo da pandemia, foi difícil trabalhar para que as práticas de leitura e literatura construídas junto com a família para não se perdessem, mesmo durante o isolamento social. A literatura tem um papel fundamental não só de fazer com que ela entenda este momento, mas também de distração. É uma boa ocupação do tempo, onde a criança aprende, adquire repertório e conhecimento.</i>
<i>Professora 4</i>	<i>Meu desafio foi envolvê-lo em outras atividades e estimular que os livros, em sua casa, também sejam uma aventura e despertem sua imaginação tendo a família como mediadora.</i>
<i>Professora 5</i>	<i>Os livros são poderosos aliados para a nossa saúde mental e felicidade, mesmo em tempos de pandemia, porém o momento foi muito difícil com as aulas remotas.</i>
<i>Professora 6</i>	<i>O ensino da leitura infantil no período pandêmico foi muito prejudicado, uma vez que as crianças não tinham acesso aos livros, era tudo muito limitado e dependia do auxílio da família.</i>
<i>Professora 7</i>	<i>A imaginação fértil das crianças pode ser estimulada com literatura, que também ajuda a elaborar sentimentos, principalmente em situações de crise causada pela pandemia, algumas estratégias foram usadas para estimular a leitura no período pandêmico, contudo teve que contar com o apoio da família que teve o papel muito importante nesse processo.</i>
<i>Professora 8</i>	<i>Foi um período muito difícil para a leitura na Educação Infantil, no entanto algumas estratégias foram adaptadas para que as crianças se interagissem através das histórias contadas em vídeo aulas pelas professoras e acompanhadas da família.</i>

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

As respostas das docentes são compreensíveis e justificáveis, todo o ensino remoto segue um processo interativo que pode ser denominado de cadeia de valor do ensino, começando com a instrução direta do professor tendo a família como mediadora, fornecendo aos alunos a oportunidade de explorar o conteúdo por meio de experimentação, discussão, prática guiada e trabalho independente. Os professores, então, avaliam o que os alunos aprenderam e no que ainda têm dificuldades, a fim de retomar os conteúdos (TAFFAREL; SOUSA, 2020)

Entretanto, as aulas remotas apresentam desafios a serem vencidos e há a necessidade de desenvolver sistemas eficazes de aprendizagem. O que se sabe é que, especialmente para a Educação Infantil, videoconferências provavelmente não conseguem reter a atenção. Ao se referir a essa distância física das crianças e o convívio social, Volker (2020, p. 35) ressalta que:

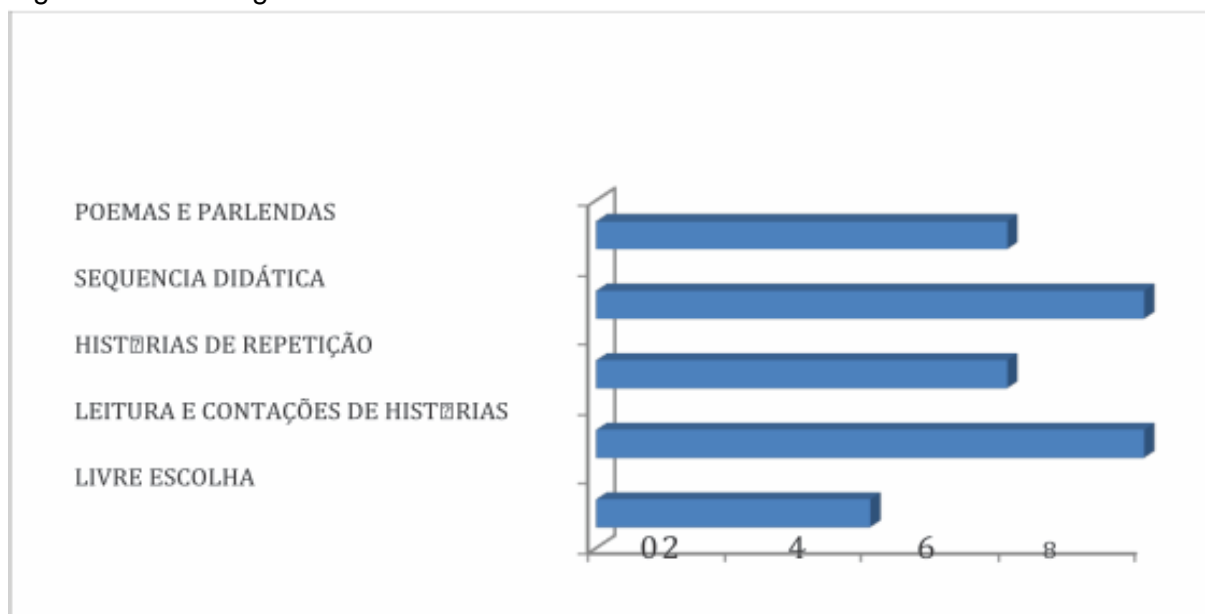
O impacto dessa perda e dessa ausência, para crianças, jovens e adolescentes é incomensurável. A vivência do coletivo - e aquele coletivo - fundamental para a formação da subjetividade e da consciência, através das experiências emocionais, sentimentais e afetivas, que esse coletivo gera [...] Do ponto de vista das experiências emocionais, sentimentais e afetivas, a ausência da sala de aula nunca será preenchida pela experiência digital. E, evidentemente, haverá perda do ponto de vista cognitivo, porque a performance cognitiva é decorrente justamente do valor

das experiências emocionais sentimentais e afetivas geradas pelo coletivo.

Analisando as respostas das docentes sobre as atividades que realizam para estimular a leitura, estas descrevem que trabalham a leitura em sala de aula através de: Roda de leitura; Teatrinho de fantoches; Histórias Sonoras; Cantinho de leitura etc., e que avaliam o interesse máximo dos alunos com a contação de histórias (Quadro 8). A partir desse resultado, observamos que as docentes atribuem lugar a literatura infantil, podendo, a partir disso, reconhecê-la como sendo uma prática prazerosa para os seus alunos. Outro ponto observado foi a realização frequente destas atividades.

É importante a utilização de várias metodologias para o estímulo a leitura com descrito pela docente e consonância com Abramovich (1995) o ensino da leitura para crianças deve priorizar a escuta, valorizar o imaginário, além de contribuir na formação de leitores em sua prática. A figura 10 ilustra as respostas das docentes.

Figura 10 - Estratégias de Leitura utilizada em sala de aula.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Percebe-se, pelas justificativas aqui apresentadas, que as docentes investigadas reconhecem a relevância da leitura expressas por Solé (1998) as oito docentes responderam que utilizam estratégias de leitura e contações de histórias, o trabalho que se deve realizar com as crianças é mostrá-las que ler é divertido, que escrever é apaixonante, que ela pode fazê-lo. Precisamos instigá-las a fazer parte desse mundo maravilhoso e cheio de significados. Para isso é fundamental trazer

para a sala de aula, como ponto de partida, os conhecimentos que as crianças já possuem e a partir de suas ideias, ampliar suas significações.

A esse respeito, e ainda empregando Solé como exemplo, Zilberman nos norteia, explicando o seguinte:

O mundo maravilhoso cheio de fantasias é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário no qual o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais. Consequentemente não é a saída que coloca o herói perante o mundo, mas sua volta; o primeiro movimento leva o protagonista ao encontro de si mesmo – esta é sua grande aventura, a qual lhe permitirá enfrentar o contexto circundante, confiando em si ou conformado com sua falta de poder. Em razão disso, a imaginação deve ser estimulada através do mediador, pois este impõe um modelo narrativo que se desenvolve à medida que o protagonista abandona o setor familiar e ingressa em horizontes imaginárias. Além disso, o mediador desencadeia o modelo de leitura da obra, pois tão somente pela ativação do universo imaginário da criança dá-se sua aceitação e deciframento. Em virtude de tal fato, mesmo lidando com eventos extraordinários, o conto precisa ter algo a dizer ao leitor, fundado na coerência da história e na validade dos conflitos que apresenta fatores indispensáveis para a sua comunicabilidade (ZILBERMAN, 2004, p. 130).

E Solé afirma:

No ato de ler há objetivos diversos: estudar, informar, revisar um texto escrito pelo próprio aluno ou simplesmente pelo prazer. O professor necessita explicitar para a turma essas diferentes finalidades e trabalhar as modalidades próprias para cada uma delas. (SOLÉ, 1998, p.88).

É através da leitura que o conhecimento abrange e diversifica, no entanto para alcançar seus objetivos a leitura deve ser incentivada na infância, para que as crianças aprendam desde cedo que ler é um ato prazeroso e valioso para seu aprendizado.

Buscando, ainda, saber a relevância com que tais estratégias do ensino da leitura na Educação Infantil ocorriam em sala de aula, indagamos as participantes sobre os autores e livros que preferem utilizar no seu dia a dia (Quadro 9). De acordo com as respostas das docentes os autores utilizados foram Cecília Meireles; Monteiro Lobato; Olavo Bilac; Viriato Correia; Ziraldo; Antoine de Saint-Exupéry; Lewis Carroll; Chico Buarque; Hans Christian Andersen; Ana Maria Machado; Vinícius de Moraes e Mário Quintana, entre outros. Foi possível observar que as docentes utilizam livros e autores variados para trabalhar a prática de contar história em sala de aula.

Quadro 8 – Avaliação dos autores/livros infantis preferidos pelas docentes.

Participantes	Quais são os seus autores/livros infantis preferidos?
Professora 1	Cecília Meireles; Monteiro Lobato, entre outros.
Professora 2	Autores e livros do clássico infantil.
Professora 3	Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Viriato Correia e Cecília Meireles.
Professora 4	Os clássicos da literatura infantil, vou citar alguns: O Menino Maluquinho - Ziraldo. O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry. Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll. Chapeuzinho Amarelo - Chico Buarque. O Patinho Feio. Hans Christian Andersen.
Professora 5	História meio ao contrário, de Ana Maria Machado. Gosto muito dessa história, e os clássicos da literatura infantil.
Professora 6	A arca de Noé, de Vinícius de Moraes; Pé de pilão, de Mário Quintana, entre outros.
Professora 7	Gosto muito de Monteiro Lobato e suas histórias, valoriza o folclore e a cultura brasileira como um todo.
Professora 8	História meio ao contrário, de Ana Maria Machado. Pé de pilão, de Mário Quintana. A arca de Noé, de Vinícius de Moraes.

Fonte: Elaborado pela autora para ilustrar a pesquisa (2022).

Percebe-se, pelas justificativas aqui apresentadas, que as docentes investigadas reconhecem a relevância da leitura expressas por Coelho (1991), praticando-a cotidianamente de forma a contemplar diversos títulos e autores. Na atualidade os professores podem contar com uma variedade de obras de literatura infantil. Finalmente, esta literatura foi reconhecida como detentora de qualidade estético-artística, abandonando, assim, o estigma de literatura menor.

4.2 AVALIAÇÃO DA RODA DE CONVERSA

A roda de conversa foi realizada com as oito professoras regentes da Educação Infantil de creches no município de Presidente Kennedy-ES. Em função da pandemia esta etapa foi realizada através de chamada de vídeo pelo Google Meet com data e horário previamente agendado com as professoras.

Vale ressaltar que a finalidade desta atividade foi discutir e conhecer a percepção das docentes sobre a cotação de história além de coletar as contribuições e sugestões das docentes para a elaboração do produto educacional desta dissertação. A partir da roda de conversa foi elaborada a sequência didática contendo uma proposta de aula usando a contação de história. Como sugestão de livro foi utilizado —Uma casinha lá no altoll do autor capixaba Ilvan Filho.

O primeiro tópico abordado na roda de conversa com as docentes foi saber

qual é a importância de se trabalhar a leitura na educação infantil. A esse respeito as Professoras responderam:

A interação entre o aluno e as histórias criando uma relação de convivência, seria essa também uma forma de transformar o ato da leitura em um desafio instigante. A literatura infantil em sala de aula é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. (PROFESSORA 1).

Por meio da leitura o aluno poderá desenvolver toda uma gama de assuntos que estarão sempre à sua disposição. A atividade com estratégia de leitura em sala de aula é uma forma potente de combate a rotinização do trabalho docente. Essa prática pode trazer novos elementos para sala de aula, colaborando, assim, para a promoção de uma educação saudável, rica em descobertas e aprendizados e marcada pela nossa sábia tradição de ouvir e contar histórias. (PROFESSORA 2).

Acionar os conhecimentos prévios demandada pelo professor toda uma motivação para conduzir a fase do desenvolvimento das estratégias. Ao trabalhar a leitura através da estratégia com crianças bem pequenas é de grande importância, porque o que as crianças aprendem na infância levarão para toda a sua vida, (PROFESSORA 3).

E fundamental trabalhar estratégia de leitura, faz transformar o contato com as histórias em momento de grande diversão, quando a criança pode expor seu sentimento e criatividade, possibilitar que ela viaje através do imaginário e vivencie outras realidades diferentes do seu cotidiano. (PROFESSORA 4).

A interação entre aluno/leitura, aluno/educador, aluno/aluno servirá como início para descobrir ou atualizar os seus conhecimentos prévios, tornando essa etapa a mais produtiva possível. A literatura infantil contribui no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Aos longos dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico. (PROFESSORA 5).

A compreensão de um texto é um processo que se assinala pela utilização de conhecimento prévio. A estratégia de leitura na Educação Infantil é essencial para guiar o trabalho do mediador a fim de propiciar ao aluno uma boa formação social, visto que nela poderá estar presente a cultura, contada de uma forma lúdica, que possibilita o indivíduo solucionar questões do seu cotidiano assim representa grande importância como ferramenta de ensino e formação social do educando (PROFESSORA 6).

Conduzir os alunos à observação dos aspectos relacionados ao texto proposto, bem como a estrutura, título, ilustrações, cabeçalho, o que se conhece sobre o autor, etc. e demonstrar-lhes o quanto estes aspectos permitem vislumbrar o conteúdo explícito no texto. A BNCC com objetivos de aprendizagens nos campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação, veio para ressaltar isso. Diante disso é importantíssimo que o professor tenha má ou boa estratégia de leitura para trabalhar com a literatura infantil e trazer influência de maneira positiva na busca de desenvolver na criança as competências da leitura e escrita (PROFESSORA 7).

Tanto importante como o que se faz antes, é o que se deve fazer durante a leitura. Depois de conseguir o envolvimento do leitor com o texto que se almeja ler através das estratégias que o induzem a assumir um papel ativo perante o mesmo, começar a atividade de leitura propriamente dita. O

contato da criança desde de cedo com livros e leitura serve de estratégias para desenvolver o hábito de ler (PROFESSORA 8)

De acordo com a narrativa das professoras, percebe-se que estas se aproximam mais da tendência da Educação Infantil conservadora, pois privilegia o aspecto cognitivo e prático do processo educacional, com objetivos de aprendizagens nos campos de experiências da BNCC: Escuta, fala, pensamento e imaginação, crendo que o conhecimento reflexivo do professor independente de sua prática pedagógica repercutirá sobre seu desempenho educacional, na escola e na sociedade.

Nesse sentido Solé (1998) faz alusão ao fato de que o relacionamento professor-aluno permite a interação de ideias, elemento importante para a construção do senso crítico. É nessa hora que o leitor despenderá todo seu empenho no sentido de construir uma interpretação possível do texto.

[...] para que o aluno deixe de consistir em mau leitor, é absolutamente necessário que possa admitir progressivamente o domínio do seu próprio processo e perceba que pode utilizar os muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, contudo as estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto mesmo que seja através de ilustrações (SOLÉ, 1998, p. 126).

Diante das respostas percebe-se que as professoras demonstram valorizar a estratégia de leitura em sala de aula, sendo indispensável o trabalho com as turmas de Maternal II. Sobre isso Solé (1998) indica que, quando as crianças aprendem as estratégias de leitura e passam a fazer uso consciente delas, tornam-se leitores ativos, conseguindo controlar o sentido que atribuem ao texto.

Observa-se também nas falas das docentes a importância do trabalho do professor na hora da leitura, sendo o mesmo um referencial para as crianças de como desvendar respostas e descobrir soluções para esta temática.

O professor é o mediador entre o livro e o leitor, além de oportunizar que o livro fique em lugar de fácil acesso para a criança, ao escolher uma história para contar deve levar em conta alguns aspectos relevantes como afirma Coelho 1986:

Podemos perceber que se a criança tiver um contato com a literatura infantil desde os seus primeiros anos de vida, criar, desenvolver o gosto pela leitura, ela deixará de ser tão egocêntrica, de querer tudo para si. Nem toda história, vem no livro pronto para ser contada. É preciso fazer uma seleção e levar em conta, em outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas. Se a história não despertar a sensibilidade, a emoção nos ouvintes não será ouvida com

sucesso e atenção (COELHO, 1986, p. 13).

A segunda pergunta orientadora da roda de conversa questionou sobre quais estratégias de leituras e como são realizadas as atividades que envolvem a contação de histórias no cotidiano das crianças do Maternal II? foi solicitado que os professores esprimissem as principais características e atividades do plano de aula com as atividades e estratégias de leitura infantil são planejadas e realizadas com crianças do Maternal II em relação ao ensino da leitura na Educação Infantil com ênfase nas contações de histórias.

De acordo com a professora 1 O livro começa pela capa, por exemplo: trabalhar a leitura de imagens. Explica aos alunos o que são ilustrações. Um livro de literatura infantil; utiliza materiais para atividades que as crianças já realizam com autonomia, como massinha, jogos de construção, entre outros; Um caderno e uma caneta para registrar a atividade.

A professora 2 Organiza um espaço onde todo o grupo se sinta confortável e acolhido para a leitura da história, como a sala ou a biblioteca. As vezes dividir a turma em pequenos grupos, pode ser adequado. Comunica as crianças que, antes de começar a leitura, poderia compartilhar quem é o autor, a editora que publicou o livro, quem fez as ilustrações e quem traduziu a história para nossa língua. Além de questionamentos sobre as atitudes que devemos ter, com histórias coletivas e dramatização das mesmas.

A professora 3 descreve que as atividades de leitura são realizadas com diversos livros; explora a leitura de imagens começando pela capa do livro.

A professora 4 diz distribuir livros de histórias para cada aluno para que os mesmos marquem as ilustrações da capa.

A professora 5 trabalha a história em imagens para que os alunos elaborem assim finais diferentes; livros para que apreciem, leia e que apresentem para os colegas. Realizo atividades para construir uma boa hora do conto, na qual os alunos escutam e discutem as histórias, aprendem a conduzir um diálogo

As principais atividades na minha trajetória de leitura na educação infantil são: A mala viajante contendo diversos livrinhos infantis além de, Casinha da história de João e Maria sendo produzido pelos alunos com caixa de papelão contou a professora 6.

A professora 7 descreve a organização do cantinho de leitura e do fichário

(retiradas de livros semanalmente); Fazer uso de livros da literatura infantil para estimular a leitura; Sorteio do aluno que vai relatar a história na semana realizando a leitura de imagens; Dramatização de histórias.

E finalmente, a professora 8 descreve que inicia a leitura da história, utilizando todo o repertório de entonações, na fala ou nas expressões, que você já tinha preparado antes. Durante a leitura, faço pausas e retomo algumas antecipações que as crianças fizeram ou faça relações das partes com a capa, de modo a valorizar o que falaram. O planejamento das aulas de leitura na Educação Infantil e de extrema conhecimento, permitindo a criança que perceba o mundo, e venha a interagir com ele e recriá-lo.

Percebe-se nas respostas das professoras, que as ações desenvolvidas em sala de aula envolvendo o tema, são fundamentadas em ações voltadas para a prática diária de leituras, hora do conto, cantinho de leitura, e compreensão do texto. Desse modo, percebe-se na narrativa das professoras a leitura na Educação Infantil é muito gratificante, visto que, as atividades propostas se pautam nos temas literários infantis.

Sobre isso, Solé (1998) afirma que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

Sendo assim estas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural, possam ser apresentados a ela. Coelho referindo-se a essa questão comenta que:

As narrativas são uma importante fonte de prazer para a criança e contribui para o seu desenvolvimento. Ao contar histórias às crianças aprendem a lidar com situações reais ou fantasias, permitindo assim, a criação de novos fatos, talvez o que elas gostariam que fosse à sua realidade (2000, p.13).

Na terceira atividade foi apresentado o livro de literatura infantil —Uma casinha lá no altoll de Ilvan Filho, as professoras, vale salientar que estas já haviam recebido o livro antes do encontro e foi solicitado que estas contribuíssem com uma estratégia de leitura/contação de história. Assim foi dialogado com as professoras sobre as estratégias de leituras e como seriam realizadas as atividades que envolvem a literatura infantil no cotidiano das crianças do Maternal II. Todas as professoras contribuíram com sugestões e propostas de aula utilizando histórias. A

professora 1 sugeriu a recontagem de Histórias e Expressão Oral. Nesta prática o aluno ouve uma história e depois precisa recontar a mesma aos amiguinhos. A professora 2 também sugeriu a recontagem de histórias incluindo a utilização de materiais para recortar e valorizou a ilustração dos livros. Outro ponto importante citado foi o planejamento destas atividades pelos professores. As sugestões apontadas pela professora 3 descrevem o questionamento e a reflexão que os discentes devem fazer. Estas questões abordam os personagens? O motivo dessa casinha ser construída lá no alto? O que estão fazendo com a pipa? Isso me diz as ações dos personagens da história. Quem é o personagem principal? Porque a casinha está lá no alto?

Já a professora 4 ressaltou a importância da leitura em voz alta: Formas de ouvir, procedimentos e estratégias vinculados à atividade que a ampliem ou complementem a narrativa. O trabalho de leitura com crianças é geralmente realizado por meio da leitura em voz alta, pois possibilita a linguagem verbal. Esse modo de ler ainda ajuda os pequeninos a aprenderem novas palavras e ideais, bem como a reconhecerem diferenças entre as características de gêneros orais.

Precisa juntar o texto a professora 6 descreve a importância de articular o conhecimento prévio com a leitura. Para ela é preciso que o leitor consiga associar esses conhecimentos e essas informações uns/umas com os outros/as para que a compreensão textual ocorra. Uma vez que a compreensão ocorre por meio da utilização de estratégias leitoras e ativação do conhecimento prévio, defendemos que ensino da leitura deve abarcar essas questões, seja qual for o nível escolar.

As sugestões da professora 7 constitui em apresentar o livro Uma casinha lá no alto aos alunos e deixar que eles manipulem o livro. Num segundo momento incentivá-los através da imaginação e expressão a fim de desenvolver diferentes emoções e humores dos personagens que o autor sugere. Na hora da leitura da história da Casinha lá no alto a professora deverá também usar movimentos, gestos com as mãos, expressões faciais a fim de fornecer a animação e expressão de forma necessária para engajar os alunos completamente. Por último, a professora 8 sugeriu uma aula de leitura utilizando a xerox da história e distribuição destas aos alunos para que estes possam realizar a leitura de imagens. No segundo momento o professor confecciona cartões com as palavras, sim e não e posteriormente estimula aos alunos a responderem com os cartões.

Todas as professoras relataram que a leitura e as diferentes estratégias

fazem parte do cotidiano da sala de aula. Em relação ao viés estratégias de leitura na Educação de acordo com Girotto e Souza (2010: 63) o professor precisa ainda retomar o processo de leitura a fim de verificar o quê, para quê, como e em que momento os alunos utilizaram a referida estratégia de leitura.

Zilberman (2003) argumenta que a seleção de textos exige do docente: conhecimento de um acervo literário representativo; domínio de critério de julgamento estético, que permitam a seleção de boas obras; e conhecimento do conjunto literário destinado às crianças, considerando-se sua trajetória histórica.

Também foi possível perceber na fala das docentes que estas consideram importante a animação e o gestual na contação de história. Nesse sentido, Girotto e Souza (2010) dizem que expressão e animação não são apenas uma forma de prender a atenção dos ouvintes, mas também de completar os sentidos da magia que a história permite.

Dando continuidade as perguntas os professores foram questionados a respeito das práticas de leitura que poderiam contribuir para a melhoria do ensino de leitura/contação de história na Educação Infantil. Para a professora 1 o contador de história pode fazer uso de diversos recursos para atrair a atenção das crianças. Um fantoche uma dobradura, uma simples pedrinha, enfim, qualquer coisa que lembre o personagem ou o local onde a história se passa, encanta a criança. Outros recursos como: laboratório de informática, livros de literatura, biblioteca, livro didático, filmes, ilustrações.

A professora 2 descreve que livros, mala de leitura, contadores de histórias, cantinho literário, etc. Assim, este conjunto de atividades para crianças pequenas podem ser aplicadas em grupo, ou seja, por meio da ampliação e da diversificação dos materiais, dos temas e das narrativas, as crianças podem aprofundar as experiências e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento propostos, de acordo com a organização curricular da faixa etária.

A professora 3 também descreveu a utilização de fantoches além de livros e teatro para contar histórias. Ela acrescenta ainda, que desta forma se amplia as concepções sobre as coisas, sobre as pessoas que desempenham vários papéis sociais ou personagens, enriquecendo as identidades, e experimentando outras formas de ser e pensar.

As professoras 4 e 6 sugeriram realizar atividades lúdicas em espaços apropriados para leitura, visando a participação das crianças da Educação Infantil e

do corpo docente favorecendo assim uma maior compreensão da relação homem com o mundo. Se tornando uma aprendizagem permanente e que tem o objetivo de estabelecer valores que contribuam para a transformação humana e social, acarretando em mudanças de hábitos e de atitudes relacionados à convivência.

A professora 5 sugeriu atividades que estimulem a imaginação e a criatividade. Desenvolvimento da linguagem oral e do encantamento a leitura. Além de atividade lúdica que amplia a imaginação, ajuda a criança organizar sua fala, através da coerência e da realidade.

A professora 7 sugeriu contar histórias, lidas, ouvidas, imaginadas, recriar histórias, contar histórias, empregando resumo de realismo mágico e fantástico. Ao ouvir diferentes histórias (lidas ou contadas), as crianças aprendem a se comportar como leitores e a escutar. Imaginam, ampliam seu vocabulário e suas referências culturais, estruturam suas narrativas e aprendem a apreciar a estética das palavras. Lidas ou contadas, as histórias narradas devem sempre passar pelo imaginário, pela vivência e pela relação positiva com o mundo letrado.

A professora 8 sugeriu a utilização da linguagem do contar, assim ampliamos as concepções sobre as coisas, sobre as pessoas que desempenham vários papéis sociais ou personagens, enriquecendo as identidades, e experimentando outras formas de ser e pensar. Em se tratando de Educação infantil, as histórias devem apresentar enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem do cotidiano das crianças, da vivência afetiva e doméstica, do meio social, de brinquedos e animais que as rodeiam, e recheada de ritmos e repetições.

De acordo com as sugestões apontadas pelas professoras foi possível observar que contar histórias na educação infantil é uma prática cada vez mais presente em sala de aula. Demanda o desenvolvimento de um plano de aula pelo professor, exige a participação da escola e da família na construção do hábito da leitura.

Por último, foi pedido as participantes que deixasse sua opinião a respeito do encontro. Esse foi um momento de grande interação, pois as professoras expuseram suas opiniões sobre a roda de conversa.

As participantes relataram que é de extrema importância abordar um tema assim, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro e aprovaram a seleção do livro infantil —Uma casinha lá no altoll de Ilvan Filho, porque a partir desse pode ser trabalhado o sonho, a fantasia e a imaginação além

de trazer uma vivencia da realidade.

4.3 ELABORAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL- GUIA PARA PROFESSORES: ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao final da pesquisa foi elaborado o guia para professores, contendo estratégias para a contação de histórias na Educação Infantil. O guia consiste em ideias e sugestões para docentes trabalharem a prática da contação de história em sala de aula (APENDICE F).

O produto educacional Guia Para Professores: Estratégias de Leitura na Contações de Histórias na Educação Infantil, é apresentado como —A importância de saber contar histórias: um estudo sobre a prática pedagógica dos docentes da Educação Infantil em creches municipais de Presidente Kennedy-ES, foi produzido a partir dessa pesquisa um e-book em formato digital. O guia contém sugestões de atividades de estratégias de leitura para contações de histórias na Educação Infantil. As estratégias de leitura, com a utilização de sequências: Antes; Durante e depois da contação de história utilizando como modelo o livro de literatura infantil —Uma casinha lá no altoll do autor capixaba Ilvan Filho.

As atividades propostas no guia sugerem algumas práticas aplicáveis na Educação Infantil, porém os docentes podem adaptar essas práticas de acordo com as necessidades da turma, como por exemplo adequando a literatura à faixa etária bem como adaptando os livros literários.

Este material é parte integrante dessa dissertação de mestrado, do Programa de Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré – São Matheus – ES.

As atividades sugeridas e coletadas na roda de conversa contemplam os objetivos da BNCC de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil nos campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

A proposta de construir um material para futuras consultas torna-se importante para o meio acadêmico bem como para os profissionais que já atuam na Educação Infantil e buscam por sugestões de trabalho para aplicar as obras, sendo assim, um e-book que descreva uma sequência didática pode auxiliar o ensino da leitura através da contação de história..

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é importante para formação do ser humano e, nesse nível de ensino, é necessário valorizar as vivências e o mundo da criança, por meio de atividades próprias da cultura infantil que possam garantir o interesse e a motivação pela leitura, para que não interfira de forma negativa no processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa apresentada traz uma inquietação acerca da leitura/contação de histórias na Educação Infantil e levantou um histórico sobre questões de legislação e literatura Infantil visando responder de que forma os professores de quatro creches Municipal de Presidente Kennedy-ES, trabalham a literatura infantil em sala de aula em creches municipais de Presidente Kennedy-Es.

Ao longo da pesquisa foi analisado as estratégias de leitura que fundamentam a prática de leitura/contações de histórias das docentes na Educação Infantil e como organizam o trabalho e a prática de leitura e contação de histórias. A pesquisa evidenciou que incentivar a leitura através da contação de histórias desperta nas crianças o hábito de ouvir história, pois, é ouvindo que a criança desenvolve sua curiosidade, auxiliar para formação de futuros leitores e, quem sabe, futuros escritores.

Foi aplicado um questionário e realizado uma roda de conversa com oito docentes da Educação Infantil de quatro Creches municipais de Presidente Kennedy- ES. Esses procedimentos metodológicos serviram para obter os dados e analisar informações relevantes para a pesquisa, utilizando e-mails, formulários digitais Google Forms e aplicativo Google Meet, os quais possibilitaram a transcrição de diálogos, à medida que foram dadas respostas às questões sobre a leitura/contação de história na Educação Infantil.

Os resultados descrevem que todas as professoras são graduadas, sendo seis docentes com Pós-Graduação Lato Sensu e duas docentes possuem Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado ou Doutorado. Isso se deve ao fato de o município de Presidente Kennedy investir no Programa do Desenvolvimento da Educação Superior e Técnico (PRODES), com bolsas de estudos para cerca de 900 kennedenses nas faculdades dos municípios vizinhos, além de pós graduação e mestrado.

Através das respostas das docentes ao questionário foi possível fazer uma

reflexão sobre as práticas de leitura em sala de onde verificou-se os recursos disponíveis nas creches viabilizam a prática e a formação docente para a contação de história. Constatamos também que as professoras, de acordo com a perspectiva estudada, em relação ao papel do professor no incentivo à leitura e contação de histórias contribuem para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.

Também foi possível afirmar de acordo com as respostas das docentes que os conhecimentos, as estratégias de leitura utilizadas em sala de aula de contações de histórias dão ferramentas para a criança passar do conhecimento cotidiano à apropriação do desenvolvimento oral através do conto. O professor suscita no aluno as necessidades de aprendizagens, ao proporcionar uma heterogeneidade e multiplicidade de experiências que enriqueçam e ampliem as interações e apropriação da criança, sem desconsiderar a participação ativa do sujeito no seu processo de desenvolvimento.

Consideramos através dos relatos das docentes que, por meio da leitura/contações de histórias as atividades ministradas em sala de aula, de forma coletiva, contribuem para o ensino aprendizagem da leitura dos alunos.

Paralelo a isso, foi realizado a roda de conversa com as oito professoras que atuam na Educação Infantil no município de Presidente Kennedy-ES, conforme supracitado. Mediante aplicação da pesquisa, foi possível constatar que as professoras, cada uma com suas vivências de sala de aula, utilizam metodologias próprias, desenvolvem atividades de literatura/contações de histórias planejadas com crianças do Maternal II na Educação Infantil e que estas possuem percepções similares sobre a importância da leitura e contação de história no ensino infantil, onde valorizam esta prática no desenvolvimento do aluno.

Um aspecto interessante de se identificar nas questões respondidas tanto no questionário quanto na roda de conversa é o fato que praticamente todas as professoras partilharem de certa forma das visões e ideais propostas das teorias de Solé (1998), Giroto e Souza (2010) e Abramovich (1995) entre outros.

Estes autores propõem uma visão mais ampla de como o ensino da leitura e as estratégias de leitura impactam positivamente o ensino.

Também é de se notar o fato de que todas as professoras em algum momento identificaram a importância da estratégia de leitura para o processo de desenvolvimento do aluno e como esta pode impactar de forma positiva ou negativa

para o trabalho que o professor desempenha com o aluno.

Não existem empecilhos para o desenvolvimento de um processo de ensino de leitura de qualidade nas quatro Creches locus da pesquisa. Garantir um trabalho de qualidade que proporcione o desenvolvimento da promoção da leitura/contação de histórias não é uma tarefa fácil e demanda muito mais do que a simples formação do professor.

Conforme o observado durante a pesquisa é que a maioria das professoras afirma que desenvolvem atividades relacionadas a teatro-dança com as crianças, utilizando personagens de livros, assim ampliamos a questão para um conhecimento mais aprofundado a respeito das contribuições da leitura infantil no processo de aprendizagem das crianças na Educação Infantil.

Observamos a partir das respostas das docentes que a leitura/contação de história desperta na criança o gosto pela literatura, elas também trabalham diferentes textos literários, assim a partir do contato com os livros, várias habilidades podem aflorar como a criatividade, a imaginação, a apreciação e a percepção visual, contribuindo assim, para o desenvolvimento integral no processo de aprendizagem das crianças. O ato de ler para a criança: instrui, socializa e diverte as crianças. No contexto escolar atualmente direciona estas crianças a refletirem sobre a contação de histórias, pois momentos de interação e aprendizagem irão contribuir para o processo cognitivo da criança, desenvolvendo a criticidade, o raciocínio e a imaginação. Evidente que existem diversos aspectos que ainda necessitam de alguns ajustes, constatamos que algumas concepções e práticas de leitura na Educação Infantil possam ser revistas, especialmente as vinculadas às práticas didáticas de leitura mecanizadas e utilitárias, cujo intuito é formar o sujeito, em última instância, para atuar de forma alienada e descontextualizada na sociedade.

Para sintetizar, essa pesquisa resultou na elaboração de um Guia para os professores da Educação Infantil, como produto educacional, contendo uma sequência didática para pensar e fazer acontecer a leitura do cotidiano da Educação Infantil direcionado ao protagonismo do aluno ouvinte, com estratégias de leituras elaborado através do desdobramento do questionário e da roda de conversa aplicados as professoras pesquisadas, como proposta de incentivo à prática da leitura/contação e histórias na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, RJ: Vozes. Natal: EDUFRN, 1997.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**, 3ª edição, editora Moderna 2006.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosura e Bobices**. Edit. Scipione 2º Ed. São Paulo 2004.

_____. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2005. p. 24. AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica**. Base Nacional Comum Curricular, Brasília, 2017.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de educação fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa v.2. Brasília: Mec, 1997.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Mec, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Ministério da educação e do desporto. Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília–DF, 1999.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <www.censo.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 jun. 2021.

. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de qualidade para a Educação Infantil**, Brasília-DF, 2006.

. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministérioda Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

CAVALCANTI, L. de S. **Procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista**. In: **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

COELHO, N. N. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

CORSINO, Patrícia. **Prática Educativa da Língua Portuguesa na Educação Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil/A. 2009.

E-biografias. BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO. São Paulo, Disponível em: <http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/> Acesso em: 5 janeiro 2021.

ECA, **Estatuto da Criança e do Adolescente** .Lei N° 8.069/90

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. 25ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo. Editora Atlas.S.A. 2008.

GIORGI, A. **Phenomenology and Physchological Research**. Pittsburg: DuquesneUniversity Press, 1985.

GOOGLE. **Obras de Monteiro Lobato**, 2013c. Disponível em: <<http://www.google.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999. 95 p.

GUARNIERE, M. R. **O início na carreira docente: pistas para o estudo do trabalho doprofessor**. In: **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**.

GUARNIERE, M. R. (org.). 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005).

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado comoética**. São Paulo: Cortez, 2011.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1992.

IBGE, **População estimada**: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020.

KISHIMOTO, Tisuko. **A importância do brincar**. 2013. Disponível em: . Acesso em: 04jun. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko; FREYBERGER, Adriana. **BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DECRECHES**. BRASÍLIA, 2012.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 10. ed. Campinas: 2004.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos - uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo. Ática, 1989.

KRUG, H.N. **A precarização do trabalho docente na Educação Básica**. Revista Gestão Universitária, Belo Horizonte, p.1-12, nov. 2015b.

KUHLMANN JR. Moysés, M. **Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LAJOLO, Marisa P. —**O texto não é pretextoll**. In: Regina Zilberman (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo Ática, 2004.

LDB,**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9.394/96**

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre. 2° Tomo. São Paulo; Brasiliense, 1951, p. 104.**

LÔBO, Yolanda Lima. **Cecília Benevides de Carvalho Meireles**. In: **Dicionário de educadores no Brasil**. FÁVARO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 237-247.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MEC. **Ministério da Educação esclarece procedimentos para construção de creches.** Nota à imprensa. 15.03.2014. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=20297:ministerio-da-educacaoesclarece-procedimentos-para-construcao-de-creches> > Acesso em 29.12.2020.

MEDEIROS, Maria Luciene da Paz Silva. **A brincadeira e suas contribuições na Educação Infantil.** 2017. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Literatura Infantil (28/06/1930).** In: MEIRELES, Cecília. Crônicas de Educação 4; planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização:** São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP: Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia da educação.** São Paulo: Ática. 1988.

OLIVEIRA, V. B. (Org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia.** São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, jan./jun. 2010

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTEDBR On-line. Campinas, SP, n.33, p.78-95, 2009.

RODRIGUES, D. **Dez idéias (mal) feitas sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2005,lc p. 300-318.

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância.** 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 02 de maio de 2021.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras.** Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SANDRONI, Laura: **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras/Elizabeth D'Angelo Serra (org.)** – Campinas , SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, João Da Mata Alves Da. **O lúdico como metodologia para o ensino de**

crianças com deficiência intelectual. 2012. Disponível em:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4736/1/MD_EDUMTE_II_2012_33
.p df acesso em 02 de maio de 2021.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar.** ANAIS DO EVENTO PG LETRAS 30 anos. 2003. Vol. I (1): 514-527.

SILVA, P. B. G.; BERNARDES, N. M. G. **Roda de conversas: excelência acadêmica e a diversidade.** *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), p. 53-92, jan./abr, 2007.

SOLÉ, I. **Estratégias de leituras.** São Paulo: Artmed, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.


WAJSKOP, Gisela. **BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Uma história que se repete, 9. Ed. 2012.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A — AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Fátima Agrizzi Cecon, ocupante do cargo de Secretária de Educação nos "Centros Municipais de Educação Infantil da Rede Municipal de Presidente Kennedy-ES", autorizo a realização nesta instituição de ensino a pesquisa A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CRECHES MUNICIPAIS DE PRESIDENTE KENNEDY-ES, sob a responsabilidade da pesquisadora Andrea Paiva da Silva Oliveira, tendo como objetivo geral Analisar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches Municipais de Presidente Kennedy/ES.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Presidente Kennedy-ES, 18 de 10 de 20 21

ace

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

Fátima Agrizzi Cecon
Secretaria Municipal de Educação
Presidente Kennedy/ES

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UTILIZADO COM PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA.

FVC-Faculdade Vale do Cricaré
Programa de Mestrado em Ciência
Tecnologia e Educação

Trata-se de uma pesquisa com o objetivo de analisar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em quatro Creches públicas do Município de Presidente Kennedy/ES.

Dessa forma, será realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com caráter exploratório descritivo, utilizando como técnica para construção de dados, a entrevista e roda de conversa com professores regentes da turma do maternal II da Educação Infantil. Em todas as etapas do estudo o anonimato dos participantes será mantido. Fica claro, ao participante, o direito e a oportunidade de fazer perguntas relacionadas ao objetivo e aos procedimentos relacionados ao estudo, sendo que o pesquisador estará sempre pronto a respondê-las. Vale ressaltar que a qualquer momento o participante poderá desistir da pesquisa e retirar seu consentimento sem qualquer benefício ou prejuízo para o participante.

Pelo presente, eu, _____, aceito participar da pesquisa, que tem como objetivo analisar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches públicas do Município de Presidente Kennedy/ES, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas para o trabalho científico realizado por Andrea Paiva da Silva Oliveira do Programa de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação da FVC – Faculdade Vale do Cricaré, sob orientação da Professora Dra. Vivian Miranda Lago Fui esclarecido (a) e estou ciente quanto ao anonimato da minha identificação e sei que poderei desistir em qualquer momento da pesquisa.

Agradecendo sua colaboração, solicito seu acordo neste documento.

Atenciosamente.

Andrea Paiva da Silva Oliveira
Pesquisadora Responsável

Orientadora: Pr Dra: Vivian Miranda Lago

Presidente Kennedy/ES, _____ de _____ de 2021

APENDICE C - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL– TURMA MATERNAL II.

Trata-se de um questionário, com perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos professores da instituição de ensino, a fim de verificar a percepção destes quanto à prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil.

I Grupo de questões – Informações pessoais

1. Há quanto tempo você trabalha nesta Instituição de Ensino?

- 3 anos
- Entre 3 e 5 anos
- Entre 6 a 9 anos
- Mais de 10 anos

2. Há quanto tempo você atua na educação?

- Menos de 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 11 e 15 anos
- Entre 16 e 20 anos
- Mais de 20 anos

3. Qual sua formação acadêmica?

II Grupo de questões – Informações sobre a prática da contação de história em sala de aula

4. É perceptível o interesse dos alunos pela aula de contação de histórias?

- Sim
- Não

5. Você tem dificuldades em trabalhar a leitura com as crianças em sala de aula?

- Sim
- Não

6. Como professor da educação Infantil, o que o motiva a despertar a contação de histórias para as crianças?

7. Você costuma trabalhar o desenvolvimento da leitura nas atividades ministradas aos alunos?
() Sim
() Não

8. Você costuma contar histórias para os alunos?
() Sim
() Não

III Grupo de questões discursivas – Informações específicas sobre a prática de contação de história.

1. Quais os recursos pedagógicos você utiliza para contar histórias para seus alunos?
2. Na sua opinião, qual o benefício de se contar histórias para seus alunos?
3. Como educador, você vivencia com as crianças o momento da leitura?
4. Quando você trabalha com a leitura em sala de aula o que procura priorizar?
5. A Creche possui algum ambiente e/ou momento propício para que os alunos desenvolvam o hábito pela leitura?
6. Você teve algum curso de capacitação para a contação de história?
7. É inegável os efeitos da pandemia de COVID-19 na educação. Qual a sua percepção sobre o ensino da leitura neste período?
8. Cite algumas atividades ministradas em sala de aula, de forma coletiva, que contribuem para o ensino aprendizagem da leitura dos alunos?
9. Quais estratégias de Leitura utiliza em sala de aula?
10. Quais são os seus autores/livros infantis preferidos? Porquê?

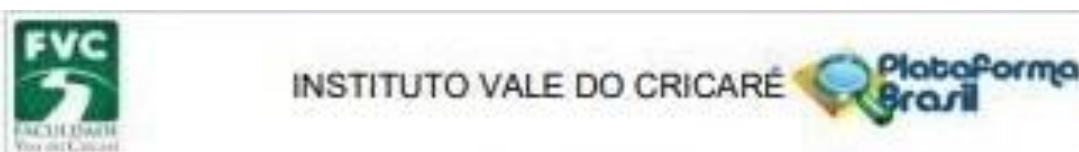
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA

Trata-se do roteiro para realização da Roda de Conversa com professores do maternal II de quatro Creches da rede Municipal de educação, cuja finalidade é utilizar os temas abordados nesta roda como parte integrante da coleta de dados da pesquisa e colaboração para o produto educacional, E-book digital com sequencias didáticas a partir do livro —Uma casinha lá no altoll do autor capixaba Ilvan Filho.

Os temas abordados foram :

1. A Literatura Infantil e contação de Histórias no cotidiano escolar alinhado aos objetivos de aprendizagem BNCC, Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação;
2. Definir estratégias de Leitura utilizadas nas turmas do maternal II;
3. Exemplificar ações educativas e o ensino-aprendizagem sobre a Leitura e a contação de histórias.
4. Usar sugestões dos professores para melhorar a prática de leitura e como um produto direcionado a contação de história pode ajudar nesta pratica.
5. Organizar as sugestões dos professores em relação às atividades de contação de histórias.

APÊNDICE E- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A IMPORTÂNCIA DE SABER CONTAR HISTÓRIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CRECHES MUNICIPAIS DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Pesquisador: ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 54243321.0.0000.8207

Instituição Proponente: INSTITUTO VALE DO CRICARÉ LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.171.484

Apresentação do Projeto:

De acordo com a pesquisadora O uso de estratégias lúdicas no processo de aprendizagem torna esse processo mais leve e prazerosa para quem aprende. Alguns estudos descrevem que a melhor maneira para que uma criança aprenda a ler e escrever é usufruindo do brincar e da ludicidade dos jogos, pois estes fazem parte do cotidiano do educando. Dentre estes, estão as histórias que são usadas como jogos simbólicos. Estes devem ser explorados na escola como recursos pedagógicos para apropriação da alfabetização, pois desenvolvem as habilidades através das regras e resolução de problemas quando atuam na zona de desenvolvimento proximal. Assim, este estudo tem por objetivo Assim, a questão-problema que a pesquisa buscará responder: Como os professores do ensino infantil de Presidente Kennedy/ES, realizam a prática pedagógica da contação de histórias? O que os docentes pensam sobre o uso da literatura infantil em sua prática diária? E se estes conciliam e planejam a contação de histórias com os objetivos de aprendizagem da criança?

Como objetivo geral a pesquisa traz: Analisar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches Municipais de Presidente Kennedy/ES. Os objetivos específicos do estudo são: Compreender como os professores desenvolvem a Literatura Infantil e contação de Histórias no cotidiano escolar; Verificar os recursos disponíveis nas creches que viabilize esta prática e a formação docente para a contação de história; Refletir sobre o papel do professor no incentivo à leitura e contação de histórias como forma de contribuir para o

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217

Bairro: UNIVERSITÁRIO

CEP: 28.933-415

UF: ES

Município: SÃO MATEUS

Telefone: (27)3313-0000

E-mail: cep@ic.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Protocolo: E-171-466

desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança; Elaborar um E-book com sequências didáticas utilizando livro de literatura infantil "Uma Casinha Lá No Alto" de Ivan Filho. Direcionado aos profissionais da educação infantil do Município de Presidente Kennedy/ES. Para responder aos objetivos propostos, será realizada uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem quali-quantitativa, definida através da pesquisa de campo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário da Pesquisa segundo a autora:

Analisar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches Municipais de Presidente Kennedy/ES.

Objetivo Secundário Segundo a autora:

Compreender como os professores desenvolvem a Literatura Infantil e contação de Histórias no cotidiano escolar;

Verificar os recursos disponíveis nas creches que viabilize esta prática e a formação docente para a contação de história;

Refletir sobre o papel do professor no incentivo à leitura e contação de histórias como forma de contribuir para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança;

Elaborar um E-book com sequências didáticas utilizando livro de literatura infantil "Uma Casinha Lá No Alto" de Ivan Filho. Direcionado aos profissionais da educação infantil do Município de Presidente Kennedy/ES.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos segundo a autora:

Segundo a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Nesta pesquisa, como desconforto e riscos em potenciais este estudo prevê que você possa sentir um constrangimento ao realizar o questionário e roda de conversa. Para minimizar este constrangimento, será realizada uma conversa prévia com os professores que irá participar desta pesquisa, onde possa se sentir mais confortável e a vontade para realizar o questionário. Sendo assim, em caso de algum desconforto, ou mal estar, a pesquisadora do presente estudo irá encaminhar o participante para o serviço de atendimento médico mais próximo do local da residência.

Endereço: Rua Humberto de Almeida Faria, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cnp@fvc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Contribuição do Pesquisador: 5.171.888

Benefícios segundo a autora:

Espera-se, com esta pesquisa, demonstrar a prática pedagógica da contação de histórias da literatura infantil utilizada pelos professores em Creches Municipais de Presidente Kennedy/ES e Compreender como os professores desenvolvem a Literatura Infantil e contação de Histórias no cotidiano escolar e, a partir dos resultados obtidos, Elaborar um E-book com sequências didáticas utilizando livro de literatura infantil "Uma Casinha Lá No Alto" de Ivan Filho. Direcionado aos profissionais da educação infantil do Município de Presidente Kennedy/ES.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa ocorrerá na rede municipal do Município de Presidente Kennedy – ES, em quatro creches públicas, estas creches estão distribuídas em áreas da região urbana e rural do município e atendem um total de 501 alunos do berçário ao maternal. Os sujeitos da pesquisa serão 08 professores que atuam na Educação Infantil em turmas de Maternal II. Serão utilizadas 08 perguntas fechadas e 10 perguntas abertas, totalizando 18 perguntas ao todo e o questionário foi elaborado no Google Forms.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos necessários de acordo com o que se pede a pesquisa, estando presente o Projeto Detalhado, Cronograma, Questionário, Folha de rosto, Declaração da Instituição coparticipante e TCLE.

Recomendações:

Vide campo "Condições e Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem recomendações que interfiram no processo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI 2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	22/11/2021		Aceito

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
 UF: ES Município: SAO MATEUS
 Telefone: (27)3313-0000 E-mail: cep@ec.br



Contribuição do Pesquisador: 5.171.486

Básicas do Projeto	ETO_1839638.pdf	22/11/2021 22:15:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_TCLE_teste_teste_.docx	22/11/2021 22:15:09	ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_TCLE_Texto_.pdf	22/11/2021 21:58:04	ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Teste_teste_texto_.docx	22/11/2021 21:58:52	ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	termo_teste_texto_TESTE_.pdf	22/11/2021 21:51:51	ANDREA PAIVA DA SILVA OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO MATEUS, 16 de Dezembro de 2021

Assinado por:
José Roberto Gonçalves de Abreu
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Humberto de Almeida Franklin, nº 217
Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 29.933-415
UF: ES Município: SAO MATEUS E-mail: cep@vc.br
Telefone: (27)3313-0000

APÊNDICE F-PRODUTO FINAL



SUMÁRIO

- 1- APRESENTAÇÃO
- 2- AS ATIVIDADES: ANTES, DURANTE E DEPOIS.
- 3- A IMPORTÂNCIA DA ESTRATÉGIA DE LEITURA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO ENSINO INFANTIL.
- 4- UNIDADE DE ATIVIDADE 1: O LIVRO COMEÇA PELA CAPA.
- 5- UNIDADE DE ATIVIDADE 2: COMO CONTINUA A HISTÓRIA?
- 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 7- REFERÊNCIAS



APRESENTAÇÃO

Este Guia Didático originário do trabalho de Dissertação intitulado "A importância de saber contar histórias: um estudo sobre a prática pedagógica dos docentes da Educação Infantil em creches municipais de Presidente Kennedy-ES". Desenvolvido no Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, em concomitância com a pesquisa fora construído este Guia Didático com o intuito de contribuir com os trabalhos, relacionados à leitura/contação de histórias, que o professor de Educação Infantil realiza.

O material disposto neste Guia foi estruturado a partir de seções de análises de questionários e subseções de roda de conversas com vistas ao ensino de leitura/contações de histórias, com os temas relacionados a leitura /contações de histórias na Educação Infantil. As atividades fora sugeridos pelos professores durante a pesquisa e as principais práticas foram escolhidas pelos mesmo através de roda de conversa para compor o Produto Educacional ocorrido no ano de 2022.

No Produto Educacional, cada prática apresentada fora sugerida pelos professores da pesquisa, e através de roda de conversa construído um guia didático com as práticas de estratégias de leitura/contação de história que muito colaborará para o ensino de Leitura na Educação Infantil, um segmento importante e necessário em nossa sociedade atual.

Caro professor (a), caso queira realizar alterações, seja na estratégia de leitura a ser trabalhado e/ou turma, saiba que terá total liberdade. Esse Guia Didático é uma sugestão que tende a contribuir no seu fazer diário, e ao mesmo tempo servir de inspiração para o aprimoramento de métodos e estratégias de flexibilização das práticas de leitura em sala de aula.

As atividades foram organizadas em forma de Sequência se caracterizam por serem propostas em ordem crescente de dificuldade. Cada passo dado, como que o próximo seja realizado; ou seja, dizem respeito a uma aprendizagem específica que se quer alcançar, trilhando certo caminho para isso.

O tempo de duração do desenvolvimento da Sequência depende das crianças e também da organização da rotina por parte de todos.

A ordenação das atividades deve tomar mais atenção por parte do professor quando fazem parte de uma Sequência, pois deve-se considerar a graduação dos desafios de aprendizagem e o desenvolvimento em relação ao conhecimento/prática social com a qual se está trabalhando. Ao adaptar ou reorganizar a realização das

atividades, há que se considerar a importância do equilíbrio em relação aos campos de experiências. Por isso, é fundamental olhar para o plano pedagógico anual e entender quais são os melhores momentos para a realização das propostas em relação ao grupo de crianças.

As unidades apresentam atividades que contemplam os diferentes objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento e os Campos de Experiência da BNCC. Para auxiliá-lo em seu planejamento, ao início de cada unidade você encontrará estas informações listadas.

AS ATIVIDADES ANTES, DURANTE E DEPOIS!

As atividades se iniciam na seção "**O que fazer antes**", que descreve:

- **Tempo sugerido:** Tempo estimado de execução da atividade. Lembre-se de que cada turma e cada criança são únicas; portanto, o tempo pode variar.
- **Conhecimentos prévios:** Descrição das ações prévias necessárias à realização de cada atividade.
- **Materiais:** lista com materiais necessários e sugeridos para a execução da atividade.
- **Espaço:** Sugestão da forma de organizar o espaço, o que ajuda você a entender o que deve considerar antes de propor a atividade e a necessidade de organizar materiais e espaços da escola para seu desenvolvimento. Também auxilia na escolha do melhor horário do dia para sua realização, considerando sua rotina e a rotina institucional.
- **Perguntas para guiar suas observações:** Questionamentos importantes para você entender aquilo a que precisa prestar atenção durante o trabalho com os alunos, de modo a verificar se os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento propostos estão sendo alcançados.
- **Para incluir todos:** Sugestões para que nenhuma criança, com ou sem deficiência, fique de fora da proposta.

Na seção, "**O que fazer durante**" você encontra a descrição completa da atividade a ser realizada.

- **Possíveis falas do professor:** Exemplos de falas que o professor pode usar em determinado momento da atividade.
- **Possíveis ações das crianças:** Previsões de ações que as crianças podem realizar durante a atividade.

Segundo Abramovich (2005), a contação de histórias tem importante papel no desenvolvimento intelectual dos pequenos. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada, ela torna-se mais comunicativa na interação com o narrador e com seus ao esforçar-se para recontar as histórias ouvidas. A criança que houve histórias todos os dias, através da contação, se concentra mais sobre o enredo entendendo melhor a narrativa uma vez que predomina o discurso direto.

Contudo, é imprescindível mostrar o livro para as crianças após uma contação, ou intercalar momentos em que as histórias são lidas, para que elas percebam que aquela narrativa saiu de dentro de um livro e que este possui um autor, estimulando e despertando seu interesse para buscar novas histórias e novos livros. A contação de histórias é uma estratégia importante que auxilia na formação das crianças, na compreensão e absorção dos significados, assim como o desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico.

Portanto ao preparar este momento de leitura ou contação de histórias, o professor deve estar atento à aspectos importantes para que este momento seja significativo e desperte emoções nos ouvintes, para tal este deve levar em conta a faixa etária do público ouvinte para escolher obras que sejam adequadas.

A autora, Solé (1998), afirma que pode trazer uma compreensão aos educadores de como as práticas pedagógicas literárias podem organizar situações de ensino e aprendizagem através de estratégias de leituras que trazem em si tais objetivos de interpretações.

As etapas das estratégias sugeridas por Solé (1998), são divididas em antes, durante e depois da leitura para trazer a compreensão textual no entanto não precisam, necessariamente, seguir uma determinada ordem, uma vez que as mesmas devem adaptar-se às necessidades do aluno de forma individual, dependendo de sua perspectiva em relação à construção de sentido do texto. Solé (1998, p. 89) explica que elas são passíveis de troca, entretanto, expõe os passos que podem auxiliar neste início: “[...] motivação para a leitura; objetivos da leitura; revisão e atualização do conhecimento prévio; estabelecimento das previsões sobre o texto e formulação de perguntas sobre ele”.

ANTES

• **Motivação para a leitura:** O fator fundamental para iniciar a leitura deveria ser, a busca do encanto, contudo, não é isso que se percebe com relação aos alunos, daí a necessidade de se criar condições favoráveis ao encantamento do leitor. Apenas um professor encantado com a leitura alcança motivação dos seus alunos e, na maioria

O aluno utiliza na leitura de imagem o que ele já sabe, o conhecimento alcançado ao longo de sua vida. É com a interação de vários níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o oral, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. Assim o aluno leitor utiliza exatamente os diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com garantia que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2004, p. 13).

• **Estabelecimento das previsões:** Sabe-se que toda leitura implica num processo contínuo de formular e averiguar hipóteses e previsões sobre o texto trabalhado. Para formar previsões, o professor deverá conduzir os alunos à observação dos aspectos relacionados ao texto proposto, bem como a estrutura da capa, título, ilustrações, o que se conhece sobre o autor, etc. e demonstrar-lhes o quanto estes aspectos permitem vislumbrar o conteúdo explícito no texto.

DURANTE

Tanto importante como o que se faz antes, é o que se deve fazer durante a leitura. Depois de conseguir o envolvimento do leitor com o texto que se almeja ler através das estratégias que o induzem a assumir um papel ativo perante o mesmo, começar a atividade de leitura propriamente dita. É nessa hora que o leitor despenderá todo seu empenho no sentido de construir uma interpretação possível do texto.

[...] para que o aluno deixe de consistir em mau leitor, é absolutamente necessário que possa admitir progressivamente o domínio do seu próprio processo e perceba que pode utilizar os muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, contudo as estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto (SOLÉ, 1998, p. 126).

Durante a leitura o professor pode escolher diversas formas de abordagem para ensinar os alunos na Educação Infantil:

Leitura dirigida: o professor solicita, à medida que o aluno vai lendo, as ilustrações para uma melhor compreensão de determinados pontos.

Leitura partilhada: é outra forma de guiar à leitura. Aqui educado ler o texto em trechos e, conforme a leitura vai acontecendo, vão se fazendo pausas para resumir o que se leu, solicitar explicações, fazer novas previsões.

Leitura silenciosa: este é o tipo de leitura que mais o aluno da Educação Infantil vai valer-se. É na leitura individual, leitor e ilustrações interagem, mas o aluno vai demonstrar se as estratégias trabalhadas pelo educador tiveram o efeito almejado, o de tornar o aluno um leitor independente, capaz de tomadas de decisão que o conduzirão a uma compreensão/interpretação eficaz. (SOLÉ, 1998, p. 116).

DEPOIS

Vale deixar-se em evidência não ser possível estabelecer limites entre o que acontece antes, durante e depois da leitura, já que o professor vai, constantemente, retomando aquilo que não ficou claro ao aluno.

Dessa forma, se está falando de um leitor e daquilo que pode ser feito para estimular a compreensão durante o processo de leitura, que não pode ser assimilado a uma sequência de passos rigorosamente estabelecida, constituindo uma atividade cognitiva complexa conduzida pela intencionalidade do leitor (Solé, 1998, p. 133-134).

Após dos primeiros passos onde se leu o conto e explicou-se o objetivo pelo qual este foi o escolhido, depois de todo um processo de interação entre leitor/ilustrações, chega-se ao momento de realizar uma interpretação mais profunda, o aluno já possui os pré-requisitos desejados para que ocorra a busca dos implícitos do texto.

Na BNCC na fase da Educação Infantil, sem configurar com a denominação de alfabetização, mas a ideia de alfabetização e letramento está presente na Educação Infantil, com o campo nomeado escuta, fala, pensamento e imaginação que constitui um arranjo curricular de experiências e saberes da criança voltados para a comunicação.

Com base nisso, é importante que o professor leve em consideração os aspectos que a BNCC (BRASIL, 2018) abordando os campos de experiências da BNCC: Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação– Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro.

Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer.

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.

Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatuñas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. Considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC estabelece campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver, em relação a leitura e contações de histórias aborda-se os campos de experiências: Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação a partir das habilidades descritas abaixo.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral. As crianças pequenas aprendem sobre a linguagem de forma processual, quando imersas em contextos nos quais se envolvem de maneira ativa na tentativa de comunicar os seus desejos, pensamentos, sentimentos e ideias sobre suas vivências. Sugestões de atividades para colorir e em situações de escuta em leitura de histórias em sala e aula, as crianças se motivam para entender como funciona a língua verbal para que possam fazer uso dela.

(EI03EF02) Atividades cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos. As crianças pequenas gostam de jogar com a linguagem, se interessam por explorar seus sons, seus efeitos e intensidades.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas. As crianças pequenas aprendem a gostar das histórias e dos

livros a partir das diferentes situações que vivenciam, nas quais têm prazer e atribuem sentido ao conteúdo das narrativas.

Conforme têm a oportunidade de participar de situações de escuta de histórias, desenvolvem o hábito da leitura e, ao vivenciarem as histórias a serem lidas.

(EI03EF04) Recontar histórias e planejar coletivamente roteiros de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história. As crianças pequenas aprendem a construir e representar histórias conforme têm a oportunidade de participar de situações em que podem se apropriar da estrutura da narrativa, identificando seus personagens e cenários, sua trama e sua sequência cronológica, bem como de situações em que possam brincar com o conteúdo de suas narrativas.

E Solé (1998) complementa afirmando que as estratégias de leitura fazem parte de ferramentas para a formação e desenvolvimento de uma leitura proficiente.

UNIDADE DE ATIVIDADE 1

O LIVRO COMEÇA PELA CAPA

EI03E004 - EI03CG02 - EI03EF07

O QUE FAZER ANTES. **Conhecimentos prévios**

Para a atividade, apresente o livro *Uma casinha lá no alto*. Procure olhar com mais cuidado para a capa. A opção por um livro cuja capa possa revelar ou suscitar muitas hipóteses que antecipam pontos importantes da história, de modo a trabalhar o tópico central da proposta: o livro começa pela capa.

Materiais:

- Um livro de literatura infantil: Uma casinha lá no alto;
- Materiais para atividades que as crianças já realizam com autonomia, como massinha, jogos de construção, entre outros (se você optar por dividir a turma em dois pequenos grupos);
- Um caderno e uma caneta para registrar a atividade.

Espaços:

Organize um espaço onde todo o grupo se sinta confortável e acolhido para a leitura da história, como a sala ou a biblioteca.

Considere dividir a turma em pequenos grupos, se for mais adequado.

Perguntas para guiar suas observações

1. Qual elemento da capa mais chamou a atenção das crianças? Que comentários fizeram a respeito disso?
2. Quais hipóteses elas levantam sobre a narrativa a partir de suas indagações? Como manifestam essas hipóteses?
3. As crianças estabelecem relações da capa do livro com a narrativa? Que relações são essas?

Para incluir todos

Caso identifique alguma necessidade de acolhida individual, possibilite que a criança acompanhe a história ficando mais próxima de você. É importante que você e o livro estejam visíveis para todos. Caso alguma criança não queira participar da proposta, respeite a escolha dela e ofereça materiais para ela brincar livremente.

1) QUE FAZ ELA DIFERENTE

- 1- Convide as crianças para se sentar confortavelmente para participar da leitura da história. Se optar por dividi-las em dois pequenos grupos, encaminhe as propostas conforme a atividade História sonorizada, deste conjunto. Comunique a elas que, antes de começar a leitura, você gostaria de compartilhar quem é o autor, a editora que publicou o livro, quem fez as ilustrações e quem traduziu a história para nossa língua, se for o caso.
- 2- Depois dessa apresentação, mostre para as crianças a capa do livro. Depois de começar a leitura, você gostaria que falassem um pouco sobre ela. Faça perguntas sobre os elementos da capa, com foco na antecipação da narrativa. Lembre-se de que você é um dos modelos de leitura para as crianças e que elas estão aprendendo compreendendo que a capa faz parte do processo de leitura do livro. Durante a atividade, é importante que você as ajude com perguntas instigantes e pertinentes. Vire as páginas do livro, como forma de validar as hipóteses acerca dos acontecimentos da narrativa.
- 3- Inicie a leitura da história, utilizando todo o repertório de entonações, na fala ou nas expressões, que você já tinha preparado antes. Durante a leitura, faça pausas e retome algumas antecipações que as crianças fizeram ou faça relações das mesmas com a capa, de modo a valorizar o que falaram.
- 4- Convide as crianças para falar, de forma espontânea, sobre a parte da história de que mais gostaram. Esse é um momento de escuta ativa que ajuda na escrita dos registros

sobre a atividade. Dialogue com elas lembrando as hipóteses feitas no início da proposta e relacionando as possibilidades levantadas sobre a capa do livro com os elementos da narrativa. Acolha todas as expressões, afinal, as crianças podem se manifestar de diversas formas.

Possíveis falas do professor — Sabiam que o (Ivan Filho) escreveu esta história? O título do livro é Uma casinha lá no alto, foi quem o mesmo Ivan Filho que fez as ilustrações para o livro; ele é o ilustrador.

Possíveis falas do professor — O que vocês estão vendo na capa? O que será que acontece com esses personagens? Vocês acham que eles encontram a pipa na história? — Vocês acham então que a pipa foi lá pro alto por acaso? Será que a pipa foi conduzida de propósito?

Possível ação das crianças- Algumas crianças podem não se expressar verbalmente, outras podem querer sonorizar a história fazendo sons com partes do corpo, remetendo à atividade História sonoriza da, deste conjunto.

Possíveis falas do professor — O que acharam desta história? — Vocês se lembram de que conversamos sobre a capa do livro? Acham que a capa traz dicas sobre algumas coisas na história?

Para finalizar:

Caso tenha optado por dividir a turma em pequenos grupos, faça a leitura com o segundo grupo. É possível que tenham prestado atenção aos comentários enquanto brincavam. Instigue-os de modo que participem com boas provocações. Após a leitura com os pequenos grupos, reúna todo o grupo para conversar sobre a experiência. Após o diálogo, informe qual será a próxima atividade do dia, dando previsibilidade à rotina, e convide as crianças a organizar o espaço.

O QUE FAZER DEPOIS

Desdobramentos: Realize a atividade com livros de outros gêneros (poesia, por exemplo), observando as estratégias que as crianças constroem a cada nova leitura e ampliando o repertório do grupo; o conjunto Textos literário proporciona o desenvolvimento de uma vivência específica com esse gênero. Você pode ainda colocar algumas interferências na capa dos livros (pedaços de papéis com aberturas, por exemplo), de modo a instigar as hipóteses das crianças sobre as figuras e os personagens na exploração inicial.

Engajando as famílias

Combine com as crianças que poderão levar emprestado o livro para a casa em dias alternados, para que possam apreciá-lo em outro ambiente e outro momento. Proponha a elas que relatem para os responsáveis o que vocês descobriram juntos sobre o livro pelo meio da capa.

UNIDADE DE ATIVIDADE 2**COMO CONTINUA A HISTÓRIA?****EI03CG02 - EI03EF0****O QUE FAZER ANTES.****Conhecimentos prévios**

Exponha o livro *Uma casinha lá no alto*, com uma narrativa que apresente uma estrutura de começo, meio e fim e que tem acontecimentos encadeados. Leia-o para conhecer bem a história. Perceba a série de acontecimentos do enredo e procure identificar as partes nas quais você pode fazer pausas estratégicas. As pausas devem anteceder os momentos mais emocionantes da narrativa, possibilitando que as crianças façam conexões ou hipóteses do que acontecerá depois.

Caso ache necessário, use uma marcação para auxiliar na lembrança dos acontecimentos mais pertinentes. Importante que a escolha do livro se deu por acreditar que os pequenos ainda não conheciam.

Materiais:

- Colchonetes ou tapetes emborrachados;
- Almofadas;
- Materiais para atividades de livre escolha, como massinha, jogos de encaixe ou outros livros para folhear;
- Livro *Uma casinha lá no alto* e um livro de literatura infantil que as crianças ainda não conhecem.



Espaços:

Organize um espaço confortável e acolhedor para a leitura da história, como a sala ou a biblioteca, a fim de que as crianças consigam acompanhar com todo o grupo e trocar com você as hipóteses de antecipação do enredo. No local escolhido, disponibilize tapetes ou colchonetes e almofadas.

Perguntas para guiar suas observações

1. Como as crianças reagiram sendo surpreendidas com a pausa na história? Tiveram iniciativa em propor ideias para que você continuasse a leitura? Como manifestaram isso?
2. Quais soluções as crianças utilizam para os enredos? Como elas acolhem os diferentes pontos de vista dos colegas?
3. Que indícios elas dão para que você repita a história com a mesma estratégia de antecipação? Que efeito isso provoca nelas? Como se sentem?

Para incluir todos:

Caso identifique alguma limitação, possibilite que as crianças acompanhem a história mais próximas de você ou que se apoiem mutuamente. Lembre-se de se posicionar de modo que todo o grupo consiga visualizar o livro. Caso alguma criança não queira participar, ofereça materiais para atividades de livre escolha.

O QUE FAZER DURANTE:

1-Convide todo o grupo para se acomodar no espaço, dizendo que podem se sentar de forma confortável, pois você preparou uma história para ler. Apresente o livro para as crianças, perguntando sobre detalhes da capa ou da contracapa, imagens ou personagens que aparecem nas primeiras páginas, já instigando o grupo a perceber detalhes importantes da narrativa. Isso fortalece as estratégias de leitura das crianças. Outro ponto essencial diz respeito à apresentação das características de um livro. Essas ações oferecem para os pequenos, em seu cotidiano, a construção de saberes, apoiados em bons modelos leitores.

2-Conte para as crianças que você começará a leitura, mas que, em alguns momentos, você fará uma parada especial para que elas tentem descobrir como a história continua. Disponibilize materiais para atividades de livre escolha, caso alguma delas não queira participar da atividade.

3-Inicie a leitura e, na primeira parada planejada por você, instigue as crianças a falar como acham que a história continua. Faça perguntas provocativas e valide as iniciativas delas, sempre que possível. Acolha as hipóteses e dialogue com o grupo. Lembre-se de que os momentos escolhidos para suspender a história estão ligados à continuidade da narrativa. Portanto, brinque com o suspense, despertando no grupo o envolvimento com a leitura, por meio das reações.

4-Quando perceber que o grupo já esgotou as hipóteses, retome a leitura da história e estabeleça um diálogo com as falas delas. Cuide para que a pausa não se prolongue, para não perder a fluidez da narrativa. Equilibre os momentos de paradas e de leitura, possibilitando que o grupo se envolva de forma prazerosa com a narrativa. Siga a leitura até o final, fazendo as paradas que você programou. Ao terminar a história, convide os pequenos para expressar como foi participar da leitura dessa maneira.

Possíveis falas do professor — Hoje preparei uma história para ler para vocês. O livro se chama (Uma casinha lá no alto) e quem escreveu foi (Ivan Filho). — Olhem a capa. Sobre o que vocês acham que é esta história?

Possíveis falas do professor — E agora, o que será que vai acontecer? — Vocês viram o que o personagem fez? — Como vocês acham que as crianças resolverá a situação? Quem tem alguma ideia?

Possíveis falas do professor — Vamos descobrir o que aconteceu? — Depois de tudo que vocês falaram, estou até curiosa para saber como continua esta história. Vou ler para vocês. — Aconteceu o que vocês pensaram? Não imaginávamos que o personagem resolveria desse jeito.

Para finalizar:

Após o término da leitura e a conversa sobre o livro com todo o grupo, convide as crianças para a próxima atividade da rotina.

O que fazer depois

Desdobramentos Considere repetir a atividade com o mesmo livro para observar se as crianças consideram outros enredos na repetição da história. Outra possibilidade é escolher outros livros de literatura infantil com enredos inusitados de monstros, suspenses, mistérios etc. Os pequenos se interessam bastante por esses temas.

Engajando as famílias:

Escreva para os responsáveis contando a estratégia de leitura utilizada com o grupo. É interessante realizar a filmagem dos momentos de leitura e, depois, compartilhá-la com os adultos, comentando a riqueza das hipóteses que as crianças constroem a partir da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de uma perspectiva sobre a importância da hora da leitura/contações de histórias para a formação e para o desenvolvimento do indivíduo pensamos em atividades pedagógicas que auxiliem os professores a desenvolver diferentes maneiras para esse momento.

As leituras/contações de histórias são importantes para fazer com que as crianças se afeiçoem pelos livros, despertando o gosto pela leitura, pois essa afeição faz com que a criança entre na história, ou seja, ela participa através da sua imaginação, criando, recriando, fantasiando e explorando esses pensamentos transmitidos pelo conto.

São variadas e diferentes práticas pedagógicas utilizadas pelo contador, como sendo uma das principais, através da escolha do livro, que precisa ser condizente com a faixa etária, outro fator importante é de que o professor deve realizar uma leitura prévia desta história para não haver nenhum tipo de erro ou dificuldades ao contar para as crianças, ou seja que esse momento seja planejado e não uma atividade improvisada.



REFEÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Pensamento e Ação no Magistério: Literatura Infantil Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018

COELHO, Nelly Novães. Literatura Infantil: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2005.

KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitura: Aspectos cognitivos da Leitura. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, ,2004.

SOLE, Isabel. Estratégias de Leitura. Trad. Cláudia Schilling. 6.ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

Livro de estudo: Uma casinha lá no alto



<https://muquecaeditorial.com.br/produto/uma-casinha-la-no-alto/>

Apoio:



PREFEITURA MUNICIPAL DE
PRESIDENTE KENNEDY

